


unesp  **UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA**
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
Faculdade de Ciências e Letras
Campus de Araraquara - SP

MARINA VOLTARELLI TREVISAN

GÊNEROS DO DISCURSO, CIÊNCIA E MÍDIA: a divulgação
científica em questão



ARARAQUARA – SP
2012

MARINA VOLTARELLI TREVISAN

GÊNEROS DO DISCURSO, CIÊNCIA E MÍDIA: a divulgação
científica em questão

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)
apresentado ao Conselho de Curso de Graduação,
da Faculdade de Ciências e Letras –
Unesp/Araraquara, como requisito para obtenção
do título de Bacharel em Letras.

Orientadora: Marina Célia Mendonça

ARARAQUARA – SP
2012

Trevisan, Marina Voltarelli

Gêneros do discurso, ciência e mídia: a divulgação científica em questão / Marina Voltarelli Trevisan – 2012

61 f. ; 30 cm

Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Letras) –
Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras,
Campus de Araraquara

Orientador: Marina Célia Mendonça

1. Gêneros do discurso. 2. Artigo científico. 3. Artigo de opinião.
4. Divulgação científica. I. Título.

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, Antonio Carlos e Vanda, e ao meu irmão Antonio, agradeço por sempre me apoiarem, pelo companheirismo e por terem feito com que eu acreditasse em mim mesma.

À minha orientadora Marina Célia Mendonça, pela paciência e por ter confiado em meu trabalho.

Agradeço também às minhas inesquecíveis amigas, Maria Teresa, Mariana, Natália, Livia, Camila, Vivian e Isabela, por terem enfrentado os quatro anos de graduação sempre ao meu lado com muito carinho.

À Fernanda Chuery vai o melhor de minha gratidão pela incansável disposição e boa vontade em me ajudar em todos os momentos.

RESUMO

O objetivo principal do presente trabalho centra-se na investigação de como o discurso científico é manifestado na *Revista Língua Portuguesa* em enunciados de autoria de linguistas. Foram analisados enunciados veiculados no periódico mencionado. Para a efetivação do proposto, a pesquisa baseou-se nas seguintes questões: como se constituem o discurso científico e o de divulgação científica nessa revista?; os textos de opinião escritos por estudiosos e pesquisadores da área linguística se identificam com artigos de opinião, artigos científicos ou textos de divulgação científica? Essas questões foram discutidas a partir da perspectiva teórico-metodológica bakhtiniana, empregando-se como elementos conceituais as noções de dialogismo, esfera de atividade humana, gêneros do discurso e estilo. Constatou-se que há uma complexidade na constituição dos gêneros no periódico abordado, sempre se levando em conta as esferas de circulação jornalística e científica. Os enunciados analisados mostraram-se como uma confluência de características de gêneros diversos, apresentando um ponto de vista, uma temática científica, um pesquisador-autor e uma adequação da linguagem ao destinatário do periódico, tornando-a mais acessível. A análise demonstrou que os enunciados discutidos assemelham-se a artigos de opinião, a artigos científicos, a resenhas, sendo concomitantemente divulgação científica.

Palavras – chave: Gêneros do discurso. Artigo científico. Artigo de opinião. Divulgação científica.

ABSTRACT

This work's main purpose is to research how the scientific speech is outlined on the *Revista Língua Portuguesa* in statements made by linguists. Statements issued in the previously mentioned magazine have been analyzed. In order to achieve the proposal, the research was based on the following questions: how both the scientific and the scientific divulgation speeches are formed in the magazine, and whether the opinion texts written by scholars and researchers in the linguistic field identify themselves with opinion articles, scientific articles or scientific divulgation texts. Those questions were discussed from the theoretical-methodological bakhtinian perspective, taking the notion of dialogism, the human activity sphere, genres of discourse and style as conceptual elements. It has been detected that there is a complexity in the construction of the genres in the magazine, always taking into account the journalistic and scientific spheres of circulation. The analyzed statements presented themselves as a confluence of many genres' characteristics, showing a point of view, a scientific subject, a researcher-author and a language adjustment to the magazine reader, making it more accessible. The analysis showed that the discussed statements resemble opinion articles, scientific articles, and reviews, besides being scientific divulgation at the same time.

Keywords: Genres of discourse. Scientific article. Opinion article. Scientific divulgation.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	7
2 FUNDAMENTOS TEÓRICOS	10
2.1 Diálogo	10
2.2 Esfera de atividade humana	12
2.3 Gêneros do discurso	14
2.4 Estilo	20
3 DISCURSO CIENTÍFICO E DE DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA	25
4 ANÁLISE	32
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	43
REFERÊNCIAS	46
BIBLIOGRAFIA CONSULTADA	48
ANEXOS	50
ANEXO A	51
ANEXO B	54
ANEXO C	56
ANEXO D	60

1 INTRODUÇÃO

Os conceitos presentes nos pensamentos do Círculo de Bakhtin são, atualmente, uma das maiores contribuições para o estudo da linguagem. Os debates trazidos à tona por esse grupo, entretanto, não tinham a intenção de realizar uma sistematização dos preceitos para uma teoria analítica do discurso. Contudo, as ideias nascidas dentro desse Círculo conseguiram uma profundidade, um alcance e uma inovação tão grandes que geraram influências perceptíveis nos estudos linguísticos, além dos estudos literários e das ciências humanas em geral, uma vez que as revelações bakhtinianas foram um grande auxílio para ocorrer uma mudança na percepção da linguagem, passando a se considerar, nos estudos linguísticos, a historicidade, os sujeitos e o social.

Desse modo, a partir dos pensamentos bakhtinianos, a linguagem passa a ser mais observada dentro de suas características individualizantes, variáveis, irrepetíveis, criativas, concretas, isto é, inicia-se a ênfase na linguagem em uso, revelando o ser humano, o sujeito múltiplo, suas atividades, o posicionamento axiológico, além da história, do social, da cultura, que permeiam esse ser por meio das linguagens. Para as ideias bakhtinianas, o processo verbal, o que é básico em um discurso, está intimamente relacionado ao processo social ou extraverbal. A constituição da linguagem, dessa forma, não acontece apenas com o aspecto verbal, o extralinguístico interfere amplamente nessa construção, provocando especificidades, o que faz da língua algo vivo, instável e heterogêneo.

Essa “vida” da linguagem está presente nas relações dialógicas, nas interações. Toda área da linguagem é repleta de relações dialógicas responsáveis pela unicidade e, concomitantemente, pela heterogeneidade discursivas dentro da generalidade verbal estudada pela Linguística. De acordo com Bakhtin e seu Círculo, portanto, a linguagem é uma atividade, composta de várias vozes sociais, sendo estratificada, e não um sistema.

Toda essa nova maneira de se pensar influenciará as reflexões sobre os gêneros do discurso feitas por Bakhtin. Os gêneros discursivos passam a ser vistos de modo inovador por meio dos pensamentos bakhtinianos, visto que há uma ampliação do escopo de trabalho com eles. Antes era dada atenção somente à literatura, depois os discursos cotidianos tomam espaço também. Os gêneros ganham foco no aspecto dinâmico da produção e não mais no aspecto das formas, das propriedades formais. Há, assim, uma forte correlação entre os gêneros e suas funções na interação socioverbal; entre a utilização da linguagem e a atividade humana. Todos os enunciados possuem conteúdo temático, organização composicional e estilo próprios, que se correlacionam às condições específicas de cada atividade humana ou

esfera de ação. A produção de um enunciado não é, dessa maneira, apenas atualizar um código gramatical, mas é modelar o que se fala de acordo com as formas de um gênero no interior de uma atividade humana caracterizada por pessoas socialmente organizadas. Os gêneros, portanto, são modos de orientação frente à realidade, ou seja, são meios de perceber sócio-historicamente a realidade e assim podemos nela nos orientar.

E qual seria o ‘significado real do gênero?’ Precisamente a correlação entre formas e atividades. O gênero não deve ser abstraído da esfera que o cria e usa; isto é, abstraído da atividade, de suas coordenadas de tempo-espaço, das relações entre os interlocutores. É nesse sentido que Medvedev assevera que o enunciado que se materializa no interior de um gênero é, antes de tudo, um ato sócio-histórico [...] (FARACO, 2009, p. 130).

A partir das reflexões bakhtinianas abordadas, estrutura-se a pretensão deste trabalho que abrange a análise dos fatores linguísticos e extralinguísticos, envolvidos na caracterização do discurso, por meio do estudo de gêneros discursivos, focalizando os discursos científicos e os de divulgação científica. Será, assim, possível observar as particularidades, a esfera de produção, os efeitos de sentido, as relações dialógicas existentes nesses tipos discursivos; enfim, o modo pelo qual eles têm sido constituídos e manifestados.

O objetivo do estudo centra-se na investigação de como o discurso científico se manifesta na *Revista Língua Portuguesa* em enunciados escritos por linguistas. Para atingir tal proposição, a pesquisa se baseou nas seguintes questões: como, nessa revista, manifesta-se o discurso científico e sua extensão, o discurso de divulgação científica?; os textos de opinião escritos por linguistas e publicados nesse periódico são artigos científicos, artigos de opinião ou textos de divulgação científica? É importante ressaltar que esse periódico encontra-se na lista de publicações científicas qualificadas pela CAPES. Nossa hipótese é que há uma complexidade da constituição desses gêneros na revista em questão, considerando-se que circula na esfera jornalística e na científica.

Para a efetivação do proposto, foi escolhida a realização de uma análise caracterizada por uma abordagem do discurso que desse maior valor à relevância das relações dialógicas na constituição discursiva e ao estilo, refletindo as características materiais da língua ao mesmo tempo em que se faz o foco no ato sócio-histórico. A análise dialógica do discurso explicita a estreita relação existente entre língua, linguagens, história, sujeitos e se embasa em uma concepção de produção de sentidos, de linguagem calcada nas relações discursivas realizadas por sujeitos socialmente organizados e historicamente situados.

De acordo com a proposta teórico-analítica de Bakhtin e seu Círculo, o objeto de estudo estaria nos fatores extraverbais, nas práticas socioverbais concretas ou relações

dialógicas e seus efeitos de sentido, privilegiando o que está além da estrutura. O pensamento bakhtiniano explora a articulação interno/externo e concebe o enunciado como o objeto em que estabelecem as relações interpessoais. Assim sendo, o trabalho aqui apresentado se apoia nessa abordagem dialógica do discurso sempre considerando que

O enfrentamento bakhtiniano da linguagem leva em conta, portanto, as particularidades discursivas que apontam para contextos mais amplos, para um extralinguístico aí incluído. O trabalho metodológico, analítico e interpretativo com textos/discursos se dá [...] herdando da Linguística a possibilidade de esmiuçar campos semânticos, descrever e analisar micro e macroorganizações sintáticas, reconhecer, recuperar e interpretar marcas e articulações enunciativas que caracterizam o(s) discurso(s) e indiciam sua heterogeneidade constitutiva, assim como a dos sujeitos aí instalados. E mais ainda: ultrapassando a necessária análise dessa ‘materialidade linguística’, reconhecer o gênero a que pertencem os textos e os gêneros que nele se articulam, descobrir a tradição das atividades em que esses discursos se inserem e, a partir desse diálogo com o objeto de análise, chegar ao inusitado de sua forma de ser discursivamente, à sua maneira de participar ativamente de esferas de produção, circulação e recepção, encontrando sua identidade nas relações dialógicas estabelecidas com outros discursos, com outros sujeitos (BRAIT, 2010, p. 13-14).

O estudo apresentado prezou a análise das especificidades discursivas que compõem circunstâncias ou situações em que a linguagem e certas atividades humanas se interpenetram e, conseqüentemente, se interdefinem. Além disso, a análise efetivada foi de cunho qualitativo e a seleção dos enunciados da *Revista Língua Portuguesa* foi feita da seguinte forma: foram escolhidos os que possuíam autoria de um pesquisador especialista na área da linguística, a fim de se analisar o confronto entre um discurso científico que circula na esfera acadêmica e o oferecido pela revista em questão.

Ao todo foram usados quatro enunciados retirados da revista que contemplam os meses de março, abril e junho de 2012, sendo dois do mês de março. A intenção foi de se efetivar a análise proposta em discursos recentes, atuais. Escolheu-se a *Revista Língua Portuguesa* pois esse veículo já é *corpus* da pesquisa desenvolvida por minha orientadora, professora Dr.^a Marina Célia Mendonça, sendo que este trabalho visa ao desenvolvimento de questões pertinentes ao projeto em questão, especificamente o entrecruzamento da esfera da mídia e da ciência em discursos veiculados na revista.

2 FUNDAMENTOS TEÓRICOS

Serão expostas, neste capítulo teórico, as ideias bakhtinianas que servirão de base teórica ao que se deseja aqui analisar. Assim, centrar-se-á a discussão nas concepções do Círculo de Bakhtin no que concerne aos gêneros do discurso, estilo, esfera de criação ideológica e diálogo. Há que se enfatizar que são conceitos essenciais e centrais às ideias desenvolvidas pelo Círculo, por isso de extrema relevância para o entendimento da amplitude da perspectiva bakhtiniana.

2.1 Diálogo

A noção de diálogo, no pensamento bakhtiniano, é de extrema relevância. As relações dialógicas são a base para todo o pensamento do Círculo de Bakhtin, sendo a interação verbal o lugar de constituição da língua e dos sujeitos. Por isso, há que se expor, primeiramente, a concepção de diálogo a fim de se compreender a amplitude do pensamento bakhtiniano.

Bakhtin e seu Círculo concedem tanta importância ao diálogo porque ele é o evento em que ocorre a interação sociocultural, graças a sua característica de alternância entre enunciados, ou seja, entre falantes, entre posicionamentos axiológicos. O diálogo é a reação do “eu” ao “outro”, é a tensão entre valores sociais. Dessa forma, essa noção de diálogo abarca o reconhecimento da reciprocidade entre os interlocutores ou entre um “eu” e um “outro”. Um enunciado concreto, real, que é situado em um espaço, tempo, história, cultura determinados e que tem o acabamento, sempre vai permitir e provocar uma resposta. Por conseguinte, na obra bakhtiniana, um enunciado sempre será acompanhado de relações dialógicas e vice-versa, já que o que faz um enunciado ser considerado como tal é a sua característica de alternância de sujeitos, de respostas, é o dar respostas e esperá-las. É nessa reciprocidade que se encontra a dinamicidade, a mutabilidade da linguagem. Dentro dessa concepção, a linguagem nunca pode ser padronizada, rígida e completamente estável, uma vez que as interações provocam mudanças, transformações a todo o momento. Além disso, essa concepção considera a linguagem em ato, compondo e movimentando a vida social (FARACO, 2009).

Sublinha-se que sendo o diálogo o confronto de posicionamentos axiológicos, no pensamento bakhtiniano, ele sempre vai ter uma condição sociocultural e histórica e sempre será uma estrutura socioideológica, uma vez que são seres socialmente organizados que estão situados e agindo dentro de relações dialógicas. Contudo, há que se revelar que a interação é

também uma realidade, além de semiótica, social, pois vincula o enunciado ao contexto social imediato e ainda ao contexto social amplo.

Por meio do diálogo, que apresenta primordialmente a ideia de interação verbal das múltiplas vozes sociais e não apenas a comunicação face a face, consegue-se sempre a renovação dos sentidos, dos valores graças ao intercâmbio sociocultural promovido pela relação dialógica. As diversas vozes sociais apresentam entoações ou posicionamentos valorativos diferentes que, ao interagirem, geram novas vozes sociais e novos sentidos, indo além da significação, do signo do sistema da língua, ou seja, as relações dialógicas são relações de sentido “[...] que geram significação responsivamente a partir do encontro de posições avaliativas” (FARACO, 2009, p. 66). O exemplo para a criação de novos sentidos por meio da interação são as novas significações que uma palavra pode ganhar, dependendo do espaço, do tempo, da cultura em que ela é utilizada, demonstrando a dinâmica do signo que é polivalente graças ao dialogismo. Por isso, Bakhtin afirma que as relações dialógicas são, de fato, relações de sentido.

Além disso, como um enunciado nunca será o primeiro a ser dito e nem mesmo o último, o dizer do “outro” sempre permeará o dizer do “eu”. São as relações dialógicas que nos fazem construir o nosso próprio discurso que é apenas um elo em uma grande cadeia comunicativa. Assim, é evidente que qualquer desempenho verbal se constrói em uma alternância de vozes; a linguagem é constituída pelo dialogismo e, portanto, é dinâmica, heterogênea e social. “A significação do diálogo depende diretamente da situação, que, assim, pode-se dizer, também o constitui. Essa íntima dependência expõe claramente a natureza social do diálogo cotidiano, e se mostra exemplar para o entendimento da linguagem como um todo [...]” (MARCHEZAN, 2010, p. 120).

A respeito de um enunciado ser um elo na cadeia comunicativa é preciso, ainda, expor o que Marchezan (2010, p. 118) ressalta sobre a inovação e a repetição nas relações dialógicas: “entende-se que os diálogos sociais não se repetem de maneira absoluta, mas não são completamente novos, reiteram marcas históricas e sociais, que caracterizam uma dada cultura, uma dada sociedade”.

No entanto, há que se enfatizar que o pensamento do Círculo não trata somente do diálogo compreendido como conversa, como comunicação face a face. Ele reflete sobre os diálogos mais amplos, mais complexos, isto é, sobre a interação, a confrontação de sentido que se dá independentemente da distância espacial, temporal, cultural e social. Isso apenas pode acontecer, quando os enunciados concretos são um elo na cadeia de comunicação; nenhum é autônomo, sozinho, todos se interligam, interagindo entre si

(BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2010). Essa é a razão de se poder apreender a linguagem viva e os seus diferentes modos de existência através do diálogo.

A concepção de diálogo é a base para o conceito de gêneros discursivos presente nas ideias bakhtinianas. As relações dialógicas são o elemento que estimulou e organizou a reflexão de Bakhtin (2011) em relação aos gêneros discursivos, como por exemplo, o debate em torno da distinção em primários (o discurso ou diálogo face a face, cotidiano) e secundários (o discurso mais complexo e elaborado). A noção de dialogismo é, dessa maneira, a base para a constituição dos gêneros discursivos e de sua dinamicidade.

É na relação interpessoal que os sujeitos conseguem revelar o que são, mas as consequências não se restringem a isso. As relações dialógicas são as formadoras do sujeito. É na relação “eu/outro”, na oposição entre os falantes, que o sujeito consegue se identificar individualmente, porém consegue também se completar, consegue ter o acabamento, uma vez que a interação faz com que a particularidade do “outro” aflore e passe a integrar o “eu”, tornando-o aquilo que é. Nossos valores e nossos enunciados são heterogêneos, são a articulação de múltiplas vozes sociais, são o ponto de encontro e confronto dessas diversas vozes. A identidade do sujeito se forma pela linguagem a partir da sua característica dialógica, por conseguinte, a consciência é social. A concepção de diálogo para Bakhtin “[...] caracteriza o falante como ‘sujeito do apelo’, da consciência dialogizada, constituída com a voz do outro e, assim, marcadamente social. A identidade do sujeito se processa por meio da linguagem, na relação com a alteridade” (MARCHEZAN, 2010, p. 122-123). As relações dialógicas são responsáveis pela constituição da subjetividade na intersubjetividade.

2.2 Esfera de atividade humana

A concepção de esfera de atividade humana também é muito relevante para a obra bakhtiniana, sendo intimamente relacionada à noção das relações dialógicas, da diversidade da linguagem verbal humana e, conseqüentemente, é a base para os princípios que envolvem a ideia bakhtiniana de gênero do discurso.

Há que se frisar, primeiramente, que o termo “esfera de atividade humana” indica um posicionamento social, cultural e, inclusive, axiológico, isto é, uma visão de mundo construída a partir de um campo de comunicação. As esferas de ação são inseridas em um tempo e espaço concretos, sendo assim, sócio-históricas, e participam das relações dialógicas com outras esferas.

O conceito de esfera explica a natureza das especificidades de cada discurso, ou seja, reconhece o caráter próprio de um enunciado, contudo considerando as influências socioculturais e, inclusive, as provenientes de outras esferas. Dessa maneira, admitem-se os elementos que caracterizam uma determinada esfera, porém, levam-se em conta as influências externas que auxiliam na sua organização e composição. Isso faz as esferas de comunicação social terem uma estrutura comum, uma natureza comum que é a constituição semiótica por meio de signos linguísticos; mas cada esfera refrata a seu modo essas exterioridades, gerando as particularidades. A linguagem é o lugar comum em que se calcam as esferas, tornando-se específica em cada uma delas o que faz surgir suas identidades.

Cada esfera de atividade humana, portanto, refrata a realidade social à sua maneira, segundo sua própria lógica, pois apresenta uma forma própria de se orientar em relação à realidade, mesmo sendo essa realidade social comum a outras esferas. Nisso reside a diferenciação. “[...] a noção de esfera da comunicação discursiva [...] é compreendida como um nível específico de coerções que, sem desconsiderar a influência da instância socioeconômica, constitui as produções ideológicas, segundo a lógica particular de cada esfera/campo” (GRILLO, 2010, p. 143). Essa é a razão de cada esfera de comunicação social possuir sua própria função dentro da vida social.

De acordo com os conceitos que envolvem a interação verbal, o Círculo de Bakhtin realiza uma diferenciação entre “ideologia do cotidiano” e “esferas ideológicas” ou esferas de comunicação discursiva. Conforme Grillo (2010, p. 144), “a ideologia do cotidiano está ligada à palavra interior e acompanha todos os gestos e atos da consciência humana”. A partir dessa ideologia, considerada menos complexa, geram-se as esferas de atividade humana, mais elaboradas. No entanto, essas duas concepções se intercomunicam, uma estabelecendo contato com a outra e, portanto, influenciando-se. Assim, a obra bakhtiniana faz, concomitantemente, uma distinção e uma relação entre a “ideologia do cotidiano” e as “esferas ideológicas”. Aqui se encontra as raízes da conceituação dos gêneros primários e secundários.

A noção de esfera é relevante para a compreensão da natureza, das características dos gêneros discursivos: a razão de serem semelhantes, mas terem suas particularidades e de serem relativamente estáveis. Com seus pensamentos, o Círculo demonstra que a dificuldade de classificação e de teorização dos gêneros acontece devido à complexidade que permeia as esferas de comunicação social. Cada esfera de ação possui o seu modo de ser, cada uma contempla certos valores, portanto, essas características próprias irão constituir os gêneros que ocorrem nas determinadas esferas. Por exemplo, dentro da esfera científica há certo rigor formal, por isso, os enunciados que surgem dentro dessa esfera apresentarão o rigor

linguístico, estabelecendo-se, assim, os gêneros científicos. Fica nítido que os gêneros discursivos são constituídos, tanto em suas formas quanto em seus conteúdos e valores, pelas características das esferas em que nascem. Daí a importância da noção de esfera para a conceituação de gênero dentro do pensamento bakhtiniano.

O que se entende por esfera permite a caracterização dos enunciados, desse modo, pode-se depreender e compreender o tema, o conteúdo valorativo, que se alternam e se alteram significativamente de acordo com o campo¹ de comunicação discursiva. Logo, uma esfera tem sua própria identidade temática. Além disso, cada esfera da comunicação discursiva possui uma forma de atitude responsiva correspondente à sua atividade humana, uma vez que as posições valorativas se manifestam nas atitudes responsivas. Os enunciados são organizados pelos aspectos de suas esferas de comunicação discursiva. Desse modo a noção de esfera

[...] se constitui em importante alternativa para pensar as especificidades das produções ideológicas [...]. As esferas dão conta da realidade plural da atividade humana ao mesmo tempo que se assentam sobre o terreno comum da linguagem verbal humana. Essa diversidade é condicionadora do modo de apreensão e transmissão do discurso alheio, bem como da caracterização dos enunciados e de seus gêneros (GRILLO, 2010, p. 147).

2.3 Gêneros do discurso

O sentido do termo “gênero”, dentro do estudo da linguagem e da literatura, sempre permeou a noção de unidade classificatória, visto que pertencer a um mesmo gênero significa compartilhar algumas características em comum. O que é focalizado, nessa perspectiva, são os fatores composicionais, as propriedades formais que constituem um enunciado ou texto, levando-os a serem introduzidos em um tipo de gênero. É devido a esse motivo que, muitas vezes, associamos o termo “gênero” a um padrão formal fixo, o que significa afirmar que para se realizar um texto em um determinado gênero seria necessário seguir as propriedades inflexíveis e exclusivas do gênero em questão.

O pensamento de Bakhtin não enxerga o conceito de gênero desse modo. A questão debatida pelo autor russo em relação aos gêneros não se reduz ao fato da partilha de

¹ O termo “campo” é proveniente dos pensamentos de Bourdieu e carrega o sentido de “espaço social de transformação das demandas externas” (GRILLO, 2010, p. 148). O modo de existência do campo, como nos pensamentos bakhtinianos a respeito de esfera de ação, abarca a capacidade de refratar as demandas externas. Portanto, são conceitos diferentes, mas com proximidades. É importante lembrar que o termo “campo” é empregado como sinônimo de “esfera” na 6ª edição do livro *Estética da criação verbal*, aqui utilizado e de tradução do russo por Paulo Bezerra.

propriedades formais; não há a pretensão de focalizar apenas as formas, as características comuns. O interessante às ideias bakhtinianas é a dinamicidade da produção dos gêneros, isto é, a correlação entre os diferentes gêneros e suas funções na interação social em uma certa atividade (FARACO, 2009, p.126).

A utilização da linguagem, por meio da realização de enunciados, está sempre associada às esferas de atividade humana, uma vez que nunca falamos dissociados dessas várias áreas do agir; estamos sempre inseridos em algum meio, pertencemos a algum meio. Por isso, nossos enunciados e os gêneros em que eles se manifestam estão, de fato, correlacionados às esferas da ação humana em que foram produzidos.

Segundo Faraco (2009, p. 126), os gêneros “constituem parte intrínseca” das esferas da atividade humana, pois “emergem, estabilizam-se e evoluem no interior delas”. Desse modo, o conceito de gêneros discursivos e o de esferas de comunicação social são interdependentes, interligados e indissociáveis, um participando da composição do outro. O gênero usado em determinada fala, logo, indica a que esfera ele pertence; e, diante de uma esfera de ação, espera-se um determinado tipo de gênero. No interior de cada atividade humana, portanto, fala-se um tipo de gênero e por meio desse gênero. Devido a isso, ao enunciar estamos sempre nos adaptando a determinadas formas e características de acordo com a atividade e seu gênero.

Há que se ressaltar que, nessa perspectiva, o dizer acontece em conexão ao agir, já que sempre relacionado a uma esfera de atividade humana, privilegiando, assim, a interação, fator para que ocorra a ação. A noção adotada por Bakhtin (2011) demonstra que os enunciados não são limitados à gramática, havendo, de fato, interferência do extralinguístico.

A concepção bakhtiniana de gêneros do discurso ainda põe em relevo o fato de eles serem *relativamente* estáveis. Isso comprova que os estudos de Bakhtin, a respeito de gêneros, não se minimizam a um padrão fixo. Bakhtin enfatiza o fator da historicidade diante dos gêneros, demonstrando que esses, ao mesmo tempo em que apresentam propriedades definidas, estão sempre se alterando, uma vez que possuem a capacidade de serem variáveis e mutantes por meio da incorporação da qualidade dinâmica das atividades humanas a que eles se inserem. Aí se encontra uma das razões de se afirmar que os gêneros e as esferas de ação se constituem de modo mútuo. O fato pode ser notado na seguinte afirmação realizada pelo autor:

[...] enunciados refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo não só por seu conteúdo (temático) e pelo estilo da linguagem, ou seja, pela seleção dos recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua mas, acima de tudo, por sua construção composicional.

Todos esses três elementos – o conteúdo temático, o estilo, a construção composicional – estão indissolúvelmente ligados no todo do enunciado e são igualmente determinados pela especificidade de um determinado campo da comunicação. Evidentemente, cada enunciado particular é individual, mas cada campo de utilização da língua elabora seus *tipos relativamente estáveis* de enunciados, os quais denominamos *gêneros do discurso*.

A riqueza e a diversidade dos gêneros do discurso são infinitas porque são inesgotáveis as possibilidades da multiforme atividade humana e porque em cada campo dessa atividade é integral o repertório de gêneros do discurso, que cresce e se diferencia à medida que se desenvolve e se complexifica um determinado campo (BAKHTIN, 2011, p. 261-262, grifos do autor).

Assim, os gêneros, para Bakhtin, são abertos, capazes de se adaptarem ao novo, à mudança. As esferas passam por mutações periodicamente, pois são compostas pela interação social, tornando-se mais complexas e mais amplas, fato que os gêneros, como constituintes das esferas, precisam acompanhar, atualizando-se. O repertório de um gênero cresce e passa por transformações à medida que a esfera a que ele pertence vai se desenvolvendo. Portanto, mudança social gera mudança na linguagem. Esse é o motivo de existir uma riqueza e uma variedade tão grandes de gêneros discursivos, visto que as atividades humanas são múltiplas e inesgotáveis, enfim, dinâmicas.

Ao mesmo tempo em que um gênero se renova, no entanto, ele apresenta uma memória de seu passado, isto é, pode voltar à suas características anteriores, preservando os elementos arcaicos. Por isso, um gênero é instável e estável, ou relativamente estável, e velho e novo concomitantemente. Os elementos arcaicos, de um gênero, não ficam mortos graças a sua contínua renovação, pois é a transformação que delega vivacidade. Portanto, por ter a memória do passado e por estar sempre rejuvenescendo, o gênero consegue a unidade e o desenvolvimento conjuntamente. É desse modo que estabilidade e mudança coexistem dentro dos gêneros do discurso (BAKHTIN, 2011). Contudo, é a noção de mutabilidade que Bakhtin nos fornece de modo inovador e é nessa característica que há de se centrar, pois ela está intimamente relacionada à ideia principal bakhtiniana das relações dialógicas que são, primordialmente, de sentidos. No pensamento bakhtiniano, por conseguinte, não há a possibilidade de estabelecer tipos de gêneros rigidamente demarcados, porque as condições de uso estão sempre se alterando.

Sendo assim, as fronteiras entre os gêneros são muito frágeis e imprecisas, já que eles são caracterizados pela mobilidade e pela vivacidade das ações ou atividades humanas, possibilitando, ainda, a mescla de gêneros, isto é, a hibridização ou formas pluriestilísticas. Por isso, não há um padrão fixo de um tipo de gênero, há, sim, certas similaridades que fazem um enunciado ser encaixado em um determinado gênero discursivo considerado como

relativamente estável, entretanto, cada enunciado terá suas particularidades que devem ser levadas em conta, uma vez que a unicidade e a eventicidade são prezadas por Bakhtin dentro de sua filosofia. Relacionando a singularidade e o que é comum, podemos atingir uma melhor compreensão dos fatores envolvidos na constituição dos gêneros do discurso.

Dessa forma, as ideias bakhtinianas enfatizam, inclusive, a pluralidade entre os gêneros. O estudioso consegue introduzir, a partir de sua abertura de conceitos em relação aos gêneros, as manifestações discursivas da heteroglossia; e, por conseguinte, discursos da modernidade, como o midiático, conseguem espaço dentro dessa inovadora noção de gêneros discursivos. Para Machado (2010, p. 153), “[...] o dialogismo, ao valorizar o estudo dos gêneros, descobriu um excelente recurso para ‘radiografar’ o hibridismo, a heteroglossia e a pluralidade de sistemas de signos na cultura”.

Sublinha-se que a estabilidade que os gêneros apresentam em parte auxilia-nos a identificar a esfera de ação em que se está pronunciando, orientando nossas ações em relação ao outro. A estabilidade nos faz reconhecer uma determinada esfera e, conseqüentemente, a entender as ações dos outros, possibilitando nossas respostas às ações dentro do contexto dessa esfera. Afora isso, são as características comuns que geram nossa expectativa em relação ao outro.

De acordo com Faraco (2009), o significado real do gênero é a correlação entre formas e atividades. Logo, os gêneros não podem ser desvinculados das esferas a que eles pertencem e nem mesmo das características que constituem essas esferas e, por extensão, os constituem também, como o tempo-espaço, o histórico, o contexto, as relações dos interlocutores e seus posicionamentos axiológicos dentro dessa esfera. Por essa razão, os gêneros são reconhecidos pelo Círculo de Bakhtin como atos sócio-históricos, conceitualizando e corporificando a realidade. Os gêneros discursivos passam a ser um modo de conhecer e entender a realidade, ao transmitir, ao mesmo tempo, a história da sociedade e a história da língua. Posto isso, chegamos à conclusão de que “[...] aprender os modos sociais de fazer é também aprender os modos sociais de dizer” (FARACO, 2009, p. 131).

Como a noção bakhtiniana de gêneros envolve o conceito de relações dialógicas, uma vez que sendo enunciado há interação, existe, dentro de cada gênero e entre eles, um campo de luta a partir dos debates sobre diferentes ideias e pontos de vistas. Além disso, novas ideias são construídas, pois a interação permite a comunhão comunicativa entre várias vozes sociais, provocando transgressões.

Bakhtin (2011) estabelece uma divisão classificatória dos gêneros discursivos em primários e secundários. Esses são encontrados em comunicações mais elaboradas, porque de

sistemas mais específicos e organizados; os exemplos são as atividades científicas, artísticas, filosóficas, jurídicas, educacionais. Os gêneros secundários não precisam pertencer estritamente ao modo escrito, mas esta é sua predominância. Já aqueles são os representantes da vida cotidiana, por isso de comunicação menos elaborada ou menos formal, sendo, geralmente, orais. São caracterizados pela espontaneidade e apresentam um vínculo com o contexto imediato, o que acontece com o discurso familiar, por exemplo. É preciso afirmar que esses dois tipos de gêneros são inter-relacionados, uma vez que os secundários nascem dos primários e, além disso, eles podem se hibridizar, modificando-se e complementando-se. Machado (2010, p. 155) ressalta que “exatamente porque surgem na esfera prosaica da linguagem, os gêneros discursivos incluem toda sorte de diálogos cotidianos bem como enunciações da vida pública, institucional, artística, científica e filosófica”.

Os gêneros discursivos se apresentam como enunciados concretos, sendo, portanto, constituídos por diálogos ativos entre os interlocutores. Após compreender os significados do discurso dito pelo outro, o interlocutor mantém uma atitude ativa de resposta ao que foi expresso. A compreensão é sempre um processo ativo; é sempre uma atividade.

Dessa maneira, como a interação entre o ouvinte e o falante é sempre ativa, todo discurso é pensado como uma resposta e todo falante está exercendo o ato de responder. Os gêneros do discurso, assim, carregam, também, a ideia de responsabilidade, sendo todo enunciado existente e constituído em resposta a outro, o que nos faz concluir que há uma troca dialógica entre os sujeitos diante da comunicação. Além disso, todo enunciado apresenta uma “entoação” ou posicionamento axiológico. Por esses fatores, Machado (2010) ressalta que o gênero discursivo é uma forma que depende muito mais da cultura e do contexto de comunicação do que da própria palavra, por isso, dizer que é mais uma forma enunciativa do que linguística. Nota-se nisso, a demonstração da importância dos fatores extralinguísticos na constituição discursiva.

A partir da constatação de que os gêneros são manifestações culturais e que estão estritamente vinculados ao contexto de comunicação, admite-se, por conseguinte, que eles apresentam uma dimensão espaço-temporal. A interatividade entre os discursos de um mesmo gênero e entre discursos de gêneros diversos será coordenada por essa dimensão espaço-temporal. Os gêneros precisam ser pensados a partir dessa constituição espaço-temporal, visto que é isso que os caracteriza ou particulariza. A dimensão espaço-temporal revela-nos que os gêneros discursivos possuem contextos culturais específicos, sendo, portanto, manifestação da cultura. Por isso, não podem ser considerados como meros padrões

fixos ou formas de construção, mas sim, modos de organização, troca e transmissão de discursos de acordo com o contexto cultural de origem.

Assim sendo, os gêneros apresentam existência cultural e passam a ser, pelo pensamento bakhtiniano, a manifestação do “grande tempo” das culturas. São os gêneros que guardam em suas memórias as grandes descobertas humanas e, também, as ações dos homens no tempo e espaço, realizando isso de forma cumulativa e criativa. É essa concepção de relação espaço-temporal, do pensamento de Bakhtin, a base para a noção de “cronotopo”. Todas as ideias aludidas surgem do princípio fundamental bakhtiniano das relações dialógicas que aqui se perfazem entre o tempo e as culturas. A respeito da constituição dos gêneros a partir das situações cronotópicas, Machado ainda acrescenta que

o cronotopo trata das conexões essenciais de relações temporais e espaciais assimiladas artisticamente na literatura. Enquanto o espaço é social, o tempo é sempre histórico. [...] Os gêneros surgem dentro de algumas tradições com as quais se relacionam de algum modo, permitindo a reconstrução da imagem espaço-temporal da representação estética que orienta o uso da linguagem: *‘o gênero vive do presente mas recorda o seu passado, o seu começo’*, afirma Bakhtin. A teoria do cronotopo nos faz entender que o gênero tem uma existência cultural, eliminando, portanto, o nascimento original e a morte definitiva. Os gêneros se constituem a partir de situações cronotópicas particulares e também recorrentes por isso são tão antigos quanto as organizações sociais (2010, p. 159, grifo da autora).

O enfoque cronotópico na abordagem dos gêneros discursivos nos revela que os gêneros, por serem interligados aos sistemas de cultura, podem ultrapassar limites temporais e espaciais; é a mobilidade já anteriormente referida que permite ao gênero romper o presente, podendo se direcionar ao passado ou seguir para o futuro. Evidencia-se, dessa maneira, por que os gêneros são considerados manifestações do “grande tempo”. Ao romper sua contemporaneidade, os discursos adquirem em sua constituição, a partir das novas relações dialógicas com o novo tempo e espaço que passam a ocupar, diferentes e inovadores sentidos; o discurso passa a ser enxergado de outra forma, de outro ponto de vista.

O entendimento de que os gêneros são manifestações do “grande tempo” leva-nos à noção de que os discursos são apenas elos dentro de uma cadeia organizada. Isso quer dizer que um discurso nunca será o primeiro nem mesmo o último a ser enunciado. Há que se considerar ainda que todos os discursos se intercomunicam, todos passam pelo processo dialógico e, conseqüentemente, da compreensão responsiva. Por isso, um discurso anterior sempre constituirá, de modo responsivo, outros. Ao mesmo tempo em que um discurso se relaciona com outros, ele também provoca réplicas, respostas; ao mesmo tempo em que o discurso tem seu próprio dizer, ele também acolhe o dizer dos outros. “Na verdade, na esfera

comunicativa da cultura tudo reverbera em tudo, uma vez que nelas as formas culturais vivem sob fronteiras. O próprio discurso alheio pode integrar a cadeia discursiva e ser reprocessado” (MACHADO, 2010, p. 162). A percepção desse elo em uma cadeia organizada promove, inclusive, a ampliação dos tipos de gêneros.

Além disso, o enfoque cronotópico demonstra que uma esfera de ação ou uma cultura somente é compreendida quando olhada pelo lado de fora, quando recebe um ponto de vista exterior a ela, processo denominado por Bakhtin (2011) de “extraposição”. Isso demonstra que é no diálogo de culturas diferentes que se compreende cada uma. É apenas na contraposição dialógica de culturas que elas podem se compreender como realmente são dentro de suas particularidades. Vendo, por meio da interação, os aspectos de outra cultura ou esfera de atividade, sabemos como se constitui a nossa, quais são nossas peculiaridades. Machado (2010, p. 161) afirma que a partir dessa concepção bakhtiniana, chega-se à conclusão de que “uma linguagem é sempre uma imagem criada pelo ponto de vista de uma outra linguagem. É por esse viés que se pode falar em heteroglossia e, conseqüentemente, em dialogia de linguagens”.

2.4 Estilo

É relevante ressaltar, primeiramente, que estilo, na concepção bakhtiniana, não está relacionado à subjetividade, isto é, àquilo que é considerado como peculiar, individual. O conceito de estilo, para o pensamento bakhtiniano, comunica-se com a base da teoria do estudioso russo e seu Círculo: as relações dialógicas. O estilo, assim, nasce do encontro das diversas vozes sociais, pois, ao se confrontarem, promovem a produção dos sentidos, que levam à singularidade, e a interdefinição da relação “eu/outro”. Sendo as relações dialógicas importantes para a formação do estilo, o termo individual é dialogicamente orientado, incorporando as condições sócio-históricas da existência do sujeito. O pensamento bakhtiniano apresenta o predomínio da intersubjetividade e não da subjetividade.

Para Bakhtin (2011), a estilística deve se basear no campo da comunicação dialógica, uma vez que é no discurso que a palavra é viva, ativa, mutável, dinâmica, gerando os múltiplos sentidos mencionados e é nas relações dialógicas que o enunciado de um “eu” consegue se constituir, por meio da influência do “outro”. Todos os enunciados recuperam, a seu modo, o que já foi dito e todos os enunciados são elaborados sempre com vista à resposta do interlocutor. Não somos completamente inovadores em nossos discursos, o que faz com que o estilo seja, de certa forma, social, isto é, seja utilizado por várias vozes. E sempre

elaboramos nosso discurso pensando no “outro”, fazendo com que as características do discurso sejam determinadas por esse “outro”. Todo enunciado é voltado a um interlocutor e sua composição, definidora do estilo, dependerá de como o locutor compreende esse interlocutor. Se o destinatário for um professor, o enunciado terá uma determinada forma de composição diferente de um enunciado destinado a um amigo. Esses fatos que permeiam a constituição de um estilo fez com que Bakhtin elaborasse tal afirmação: “‘o estilo é o homem’, dizem; mas poderíamos dizer: o estilo é pelo menos duas pessoas ou, mais precisamente, uma pessoa mais seu grupo social na forma do seu representante autorizado, o ouvinte – o participante constante na fala interior e exterior de uma pessoa” (BAKHTIN *apud* BRAIT, 2010, p. 93).

O enunciado é sempre uma resposta ao “outro”. A expressividade do enunciado é determinada pelo objeto do enunciado e pelos enunciados de “outros” com o mesmo objeto. Isso demonstra, concomitantemente, a relação do locutor com os outros enunciados, com os quais discutimos ou polemizamos, e a relação do locutor com o tema/objeto tratado. É, segundo Brait (2010), o primeiro tipo de relação estabelecida por Bakhtin que determina as escolhas composicionais que estarão presentes no enunciado. Todas as escolhas irão refletir a característica responsiva do enunciado, o que destaca o dialogismo, a interação. Todo enunciado dirige-se a um destinatário. Dessa forma, há que se levar em conta esse acontecimento para que possamos compreender a concepção bakhtiniana de estilo, visto que, “[...] nosso próprio pensamento – nos âmbitos da filosofia, das ciências, das artes – nasce e forma-se em interação e em luta com o pensamento alheio, o que não pode deixar de refletir nas formas de expressão verbal de nosso pensamento” (BAKHTIN *apud* BRAIT, 2010, p. 94).

A afirmação demonstra inclusive que, nas ideias bakhtinianas, o estilo, não fica restrito a um modo de ser de um indivíduo; ele, na verdade, fica marcado na língua e localizado no tempo e no espaço. Em cada tempo e em cada cultura o estilo assume um formato, por isso o estilo não se restringe a uma particularidade individual, mas sim, é historicamente situado e de natureza social. O Círculo de Bakhtin deixa evidente, nos seus estudos, que o estilo é formado nas relações culturais ou estéticas estabelecidas por duas pessoas. De acordo com Brait (2010), dentro do pensamento bakhtiniano, há três fatores que influenciam nessas interrelações e que determinam um estilo, são eles: o autor, o conteúdo e o interlocutor. São esses elementos que regem a construção das características de um estilo.

O autor é aquele que interfere no estilo por meio da inscrição do seu posicionamento axiológico. Desse modo, esse é um dos elementos responsáveis pela formação de um estilo,

contudo, há que se sublinhar que a atitude avaliativa do autor é expressa na forma de organização, de composição, de concretização de um discurso. O destinatário (real ou presumido) também assume papel importante na construção de um estilo, conforme já foi exposto, uma vez que um discurso pode apresentar uma proximidade do autor com o destinatário ou do conteúdo com o destinatário, portando, assim, características diferentes em cada caso. Fica nítido, portanto, que o estilo e a forma de um enunciado são determinados pelo contexto, pelas circunstâncias, pela situação, pela posição social e pela relação dos integrantes ou participantes mais próximos da enunciação. Isso ocasiona a existência de estilos elevados, oficiais e prescritivos e de estilos familiares, com vários graus de intimidade e que são mais cotidianos e menos estáveis.

O pensamento bakhtiniano define o estilo, também, como sendo um conjunto de elementos que geram o acabamento de um enunciado. Nessa concepção, sublinha-se o modo de utilização da língua pelo autor. Vínculo que revela as experiências de vida do autor, sua relação com a vida, os valores de mundo, por isso, Bakhtin apresenta o estilo como “conjunto dos procedimentos de formação e de acabamento do homem e do seu mundo” (BAKHTIN *apud* BRAIT, 2010, p. 87). Dessa forma, nessa definição, pretende-se demonstrar que estilo é uma visão de mundo e esse fato é evidente quando olhamos as diferentes épocas pelas quais a humanidade passou e notamos que em cada uma existia um estilo, o que nos leva a crer que em cada momento há um ponto de vista em relação ao mundo e à vida. O estilo seria uma maneira de conceder “unidade à exterioridade do mundo” (BAKHTIN *apud* BRAIT, 2010, p. 88). A partir dessa definição, justifica-se ainda mais a noção histórica, social e axiológica que permeia o estilo. Ressalta-se, também, que “as mudanças históricas dos estilos de linguagem estão indissolúvelmente ligadas às mudanças dos gêneros do discurso” (BAKHTIN, 2011, p. 267).

Bakhtin (2011, p. 296), portanto, realiza a seguinte afirmação: “o falante com sua visão do mundo, os seus juízos de valor e emoções, por um lado, e o objeto de seu discurso e o sistema da língua (dos recursos linguísticos), por outro – eis tudo o que determina o enunciado, o seu estilo e sua composição”.

O estilo é, além da forma de composição e do tema, um elemento definidor de gênero discursivo. Todos os três elementos associados constituem um gênero do discurso, porém, esses constituintes são sempre marcados pelas especificidades de cada esfera de atividade em que surge o gênero, caracterizando-o. Assim, fica explícito que a constituição do estilo está vinculada às unidades temáticas e às unidades composicionais e, afora isso, o estilo está intimamente relacionado às esferas de comunicação ou de atividades humanas, sendo cada

estilo próprio do gênero que representa determinada esfera. Por exemplo, a forma de concepção do destinatário, que, como mencionado, interfere na composição de um enunciado, é determinada pela esfera de atividade humana. A imagem que um locutor possui de seus interlocutores está relacionada à sua percepção da esfera de atividade que esses destinatários ocupam. Cada gênero do discurso possui sua concepção de destinatário, que o define como gênero. Além disso, as características da esfera de ação ocupada pelo próprio locutor irão, certamente, interferir no estilo por ele utilizado em seu enunciado.

No fundo, os estilos de linguagem ou funcionais não são outra coisa senão estilos de gêneros de determinadas esferas da atividade humana e da comunicação. Em cada campo existem e são empregados gêneros que correspondem às condições específicas de dado campo; é a esses gêneros que correspondem determinados estilos. Uma determinada função (científica, técnica, publicística, oficial, cotidiana) e determinadas condições de comunicação discursiva, específicas de cada campo, geram determinados gêneros, isto é, determinados tipos de enunciados estilísticos, temáticos e composicionais relativamente estáveis (BAKHTIN, 2011, p. 266).

Quando há a reflexão das particularidades de um indivíduo em um enunciado, o estilo será, conseqüentemente, mais individual. Entretanto, nem todos os gêneros autorizam essas peculiaridades em sua composição, uma vez que são padronizados, com formulações e estilo preestabelecidos, ou seja, muito estáveis, como a ordem militar e as felicitações. Já em gêneros literários, o estilo individual faz parte da realização enunciativa, logo, de um modo ou de outro ele sempre estará presente. Além disso, há que se lembrar de que as especificidades de uma dada esfera de atividade unidas à função ou objetivo (como científico, religioso, político) que o enunciado carrega provocam o surgimento de um tipo de gênero *relativamente* estável em relação aos três elementos que o constituem: tema, a forma de composição e o estilo. Brait, contudo, frisa, no que concerne à estabilidade do estilo de um gênero, que se pode nela encontrar particularidades individuais:

aqui, sem dúvida, se pensamos no estágio atual da construção do conhecimento, em nossa cultura e nos círculos acadêmicos em geral, certamente saberemos apontar alguns gêneros e as coerções que determinam sua temática, sua forma composicional e seu estilo. Mas saberemos, também, em meio às estabilidades, apontar o que há de marca autoral em artigos, monografias, teses, aulas expositivas, seminários, conferências (2010, p. 89).

Para analisar o estilo de um enunciado, de acordo com o pensamento bakhtiniano, é preciso compreender o todo de composição do enunciado, sempre o enxergando dentro da cadeia de comunicação que se insere, uma vez que ele não é isolado, não se constitui sozinho; é apenas um elo dentro dessa cadeia. Concluindo as concepções do Círculo de Bakhtin, compreende-se que o conceito de estilo “[...] não pode separar-se da ideia de que se olha um

enunciado, um gênero, um texto, um discurso, como participante, ao mesmo tempo, de uma história, de uma cultura e, também, da autenticidade de um acontecimento, de um evento” (BRAIT, 2010, p. 96). Por isso, a noção de estilo do pensamento de Bakhtin vai além da busca pela expressividade de um psiquismo individual. Na verdade, a singularidade somente é percebida dentro das relações dialógicas, pois “[...] todo falante, sendo uma realidade sociossemiótica, é ao mesmo tempo único, singular, e social de ponta a ponta” (FARACO, 2009, p. 136). O estilo, portanto, tem como característica o dialogismo e é de natureza sociológica visto que inserido em uma história, um tempo e um espaço e, nunca isolado: é um elo. A escolha do estilo, desse modo, é individual, mas se dá a partir de uma orientação social, de uma exposição dialógica à heteroglossia. A singularidade seria fruto do tipo de combinações de vozes sociais e de sua dialogização.

3 DISCURSO CIENTÍFICO E DE DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA

Pretende-se, neste capítulo, uma rápida explanação a respeito do que se entende, atualmente, sobre divulgação científica (daqui para frente, DC), prática discursiva que se encontra em expansão no Brasil (GRILLO, 2006), e sobre os discursos científicos, a fim de ressaltar as divergências existentes entre essas duas formas de realização discursiva no que concerne à ciência.

A DC é, geralmente, compreendida pelos estudiosos da área como a “difusão de conhecimento científico, dirigida para fora do seu contexto originário – de comunidade científica de limites restritos – mobilizando diferentes recursos, técnicas e processos para a veiculação das informações científicas e tecnológicas ao público em geral” (SANTOS, 2007, p. 38). Primeiro, há que se lembrar de que tal definição é condizente com a realizada por Authier, uma vez que os estudos da autora propõem que a DC é

[...] classicamente considerada uma atividade de difusão, direcionada ao exterior, de conhecimentos científicos já produzidos que circulam no interior de uma comunidade mais restrita. Essa difusão se faz fora da instituição escolar-universitária e não visa formar especialistas, ou seja, alargar a comunidade de origem (AUTHIER *apud* GOMES-SANTOS, 2004, p. 44).

Dentro dessa concepção, ainda se entende que a DC é uma atividade que promove a partilha social do saber. Divulgar novos conhecimentos, para a mídia, cumpre a função de partilhar o saber com aqueles considerados leigos, exteriores à produção científica (SANTOS, 2007). Levar ao conhecimento comum é, inclusive, um dos conceitos que envolve a DC, defendido por Zamboni (1997). É preciso frisar, no entanto, que a autora rejeita a ideia defendida por Authier de que a DC é uma reformulação de um discurso primeiro: o científico voltado ao público pertencente à área. Para Authier, a DC mantém, sempre, um vínculo com o discurso científico, já que o divulgador possui a função de reformular esse discurso primeiro para a destinação do tema ali apresentado a um outro tipo de público, ou seja, é a preparação do discurso científico para os leigos, deixando sua linguagem hermética muito mais acessível. Essa concepção, portanto, dita que a DC é subordinada ao discurso científico primeiro, não sendo reconhecidas a autonomia e as especificidades dessa prática discursiva (FOSSEY, 2006). Já Zamboni (1997, p. 10) acredita que o discurso de DC é um “trabalho de formulação de um novo discurso, que se articula, sim, com o campo científico – e o faz sob variadas formas – mas que não emerge dessa interferência como o produto de uma mera reformulação de linguagem”. A autora defende que o discurso da DC é um gênero discursivo particular; essa posição vai ao encontro da presente pesquisa. Ao ser dissociado da área científica, esse

gênero entra em outro campo, o dos discursos de transmissão de informação. Há, em seu trabalho, a observação de que a diferença entre o discurso científico e o de divulgação científica não se encontra somente no destinatário de cada um. Alterando o destinatário, altera-se, também, o lugar do enunciador, uma vez que, pelo dialogismo bakhtiniano, o discurso não pode existir de forma independente daquele a quem é destinado (ZAMBONI, 1997). O fato atinge maiores proporções, pois

[...] alterando-se os lugares dos protagonistas da cena enunciativa, restam alteradas todas as demais configurações do cenário, inclusive o canal da comunicação (geralmente a imprensa escrita, falada e televisionada), a modalidade de linguagem empregada, as fontes de informação, o tratamento do assunto, o formato do texto-produto. Submetido a outras condições de produção, o discurso científico deixa de ser o que é. Passa a ser um outro discurso, ou uma outra formação discursiva, que se situa num outro lugar, diferente do lugar onde se situa o discurso científico (ZAMBONI, 1997, p. 89).

Em relação à observação de Zamboni, Fossey inclui que

Não se trata, apenas, do fato de que um é tipicamente destinado a um público solidamente vinculado à prática científica enquanto o outro se destina aos leigos em ciência. Na verdade, muitas outras coisas mudam: a esfera social de circulação do DCP [Discurso Científico Primário], os enunciadores autorizados a produzir este tipo de discurso, as circunstâncias de produção (pesquisa, métodos, laboratórios, instituições, cientistas, pareceristas, financiamentos, os espaços de publicação dos *papers* [...] etc...), enfim, as condições de produção necessárias e os espaços de circulação autorizados relativos ao DCP fazem com que o seu espaço enunciativo seja essencialmente distinto daquele da DC. A ‘ciência para leigos’ é resultado de uma produção discursiva que deriva da interrelação entre outras variáveis: o enunciador da DC é o divulgador (seja ele jornalista especializado em ciência ou cientista especializado em divulgar), o espaço de circulação é o ‘mundo do grande público’ [...], e o objetivo de sua produção não é a busca por validação de teorias *científicas* (2006, p. 43, grifos da autora).

Assim sendo, Fossey (2006), levando em conta as ressalvas de Zamboni, propõe que a DC não esteja no campo científico, como nos indicam os estudos de Authier, mas no jornalístico, funcionando, desse modo, de acordo com as regras desse campo e dos gêneros que ele apresenta.

Há que se sublinhar, entretanto, que as conclusões feitas por Zamboni (1997), e expostas também por Fossey (2006), levam a autora a declarar que o discurso da DC está vinculado ao campo de transmissão de informações, diferentemente de Fossey que o coloca como “sub-campo” (2006) do campo jornalístico cuja composição se dá por diversas especialidades, como a política e a esportiva. Além disso, a primeira autora também acredita que, dentro do campo por ela mencionado, a DC constitui um gênero (seguindo a concepção bakhtiniana de gênero) particular de discurso. Faz-se tal afirmação, pois, de acordo com o

pensamento bakhtiniano cuja definição de gênero relativamente estável se pauta no ponto de vista temático, composicional e estilístico, o discurso da DC centra-se na veiculação de conteúdo próprio à temática científica, fazendo-o de modo a dispensar a linguagem científica especializada ao mesmo tempo em que emprega analogias, generalizações, explicações, comparações, simplificações, o que constitui, segundo Zamboni, o estilo da DC. Afora isso,

No aspecto composicional, as formas de estruturação do discurso da DC e os tipos de relação entre o locutor e os parceiros da comunicação verbal vão pôr em funcionamento procedimentos discursivos variados, nos quais se incluem [...] a recuperação de conhecimentos científicos tácitos, fórmulas de envolvimento, segmentação da informação [...] (ZAMBONI, 1997, p. 122).

Desse modo, seguindo o pensamento de Bakhtin e seu Círculo, a autora conclui que o discurso da DC constitui um gênero particular, autônomo em relação ao gênero do discurso científico. Necessita-se, contudo, informar que há posicionamentos contrários à ideia discutida por Zamboni. O exemplo disso é o que considera Ferraz (2007) em seu trabalho. A estudiosa segue, também, as concepções bakhtinianas para o desenvolvimento de sua pesquisa relativa à DC, contudo, ao contrário de Zamboni, conclui que não há um gênero discursivo específico. A DC, para Ferraz, se vale de diversos gêneros discursivos, como artigo, reportagem, entrevista, entre outros para poder compor seu discurso.

De acordo com os estudos de Zamboni (1997), outro fator que altera as condições de produção do discurso da DC em relação ao discurso científico são as restrições de editoração. O discurso científico possui exigências próprias da esfera científica e das revistas científicas especializadas, acontecimento confirmado pelo trabalho de Coracini (2007). Já na DC as restrições são da própria atividade jornalística por meio das decisões editoriais que apresentam preocupações as mais variadas como com o interesse do leitor e com a rentabilidade da matéria. Sobre isso, ela ainda afirma:

Não cabe, portanto, demandar dos discursos vulgarizadores os mesmos imperativos aos quais responde o discurso da ciência. Produzido em circunstâncias outras, dirigido a um outro público e desempenhando novas funções num outro sistema produtivo, a divulgação obedece aos ditames de uma nova inserção social e econômica, na qual se torna um bem em disputa por mercado. Ela deve, portanto, nessa nova ordem, adquirir potencialidade de mercadoria vendável, atrair consumidores e gerar lucros para as empresas de comunicação (ZAMBONI, 1997, p.186).

Ainda em relação ao fato, Zamboni (1997, p. 63) expõe que a DC é apropriada pelos cientistas “com uma certa racionalidade e pragmaticidade”, visto que há o interesse e a necessidade de publicações para gerar maior visibilidade e prestígio dentro dos meios de comunicação e instituições, conseguindo, assim, respaldo e recursos financeiros para a

realização de pesquisas. Segundo a autora, a DC, no que concerne a seus valores simbólicos, “opera como uma força de reconhecimento e legitimação dos círculos de saber, conferindo à atividade científica um lugar de prestígio e poder” (ZAMBONI, 1997, p. 64). Por isso, os pesquisadores apresentam interesse em divulgar suas pesquisas para um público muito mais amplo, quando comparado a seus pares, e em manter revistas e jornais destinados à atividade de difusão científica.

É relevante destacar as diferenças entre o discurso científico e o discurso da DC de maneira mais acentuada a fim de facilitar a compreensão do trabalho aqui proposto. Para isso, há que se iniciar afirmando que esses dois tipos de discursos endereçam sua circulação a grupos sociais restritos. O discurso científico especializado volta-se para um público no qual a compreensibilidade está garantida, uma vez que os destinatários possuem os mesmos conhecimentos do autor, inserem-se na mesma esfera de ação: a científica. Pode-se afirmar, dessa forma, que o discurso científico dirige-se a um ouvinte situável no tempo e no espaço identificado no grupo de especialistas da área, que são conhecedores da matéria. Como decorrência disso, muitas informações são suprimidas do discurso por serem julgadas como desnecessárias e supérfluas (CORACINI, 2007), como as explicações e analogias, por exemplo. O resultado é a complexidade da linguagem para o leitor não-especialista, já que permanece hermética.

As características linguísticas do discurso da DC, ao contrário, envolvem elementos didáticos a fim de ensinar e esclarecer um público que não se situa na esfera científica. Por isso, geralmente, podemos observar o emprego da definição de termos técnicos; da parafrazação, com o objetivo de explicar termos técnicos por meio de palavras mais correntes; da exemplificação; da comparação e de metáforas (GOLDSTEIN; LOUZADA; IVAMOTO, 2009).

Conforme Coracini (2007), a intenção do discurso científico com sua formalidade é convencer da validade da pesquisa e do rigor científico em que nela foi empregado. É nessa intenção de persuasão que se faz a construção argumentativa com a característica da objetividade e da neutralidade, por meio das poucas variações de estilo, da padronização. Obedecer às normas impostas pela comunidade científica auxilia na função de persuasão, uma vez que deixa a pesquisa e o estudo mais confiáveis, demonstrando, assim, o que se espera de um discurso científico: a verdade objetiva. É claro que, se o cientista quer que seu trabalho seja levado em consideração e aceito, terá que se submeter à norma. Algumas das determinações a respeito da linguagem do discurso científico que camuflam a subjetividade e a parcialidade são: o uso da terceira pessoa ou apagamento do enunciador, modalidades

lógicas, emprego de pronome impessoal, verbos nas formas impessoais e a intertextualidade explícita, levando a transparecer a objetividade que fornece o efeito de sentido da verdade buscado pela ciência. Ainda sobre o assunto a autora evidencia que

É graças à opacidade da linguagem, que permite a ilusão da aproximação efetiva do real, sem a interferência do sujeito e da ideologia, que esses discursos alcançam o objetivo que se propõem, qual seja: o de convencer o interlocutor da verdade (aparente) que enunciam (CORACINI, 2007, p. 46).

Vale lembrar, porém, que o trabalho de Coracini (2007) demonstra que, mesmo que se tente atingir a plena objetividade e neutralidade no discurso científico, isso não é possível. A subjetividade estará sempre presente mesmo nos discursos que se mostram com maior objetividade. A intuição e a imaginação, para Coracini e segundo sua pesquisa, estão presentes na investigação científica, o que indica que há o ser subjetivo refletido no discurso científico, há a parcialidade que se encontra projetada nos instrumentos argumentativos de persuasão. A “aparente neutralidade e isenção são parte de um ‘jogo comunicativo’ no qual funcionam como estratégias de persuasão” (CORACINI, 2007, p. 193).

Outra característica do discurso científico importante para sua composição e ressaltada por Coracini é a presença do interlocutor apenas idealmente na consciência do enunciador, que é um pesquisador.

Quando direcionado a outra audiência, o discurso da especialidade necessita de um tratamento explicativo e simplificador, deixando de lado a formalidade e rigidez presentes nas determinações da área científica. Os gêneros do discurso são desiguais na reflexão da individualidade do locutor, visto que quanto mais padronizada a forma do gênero, menor será a refração da individualidade. Isso é o que acontece com os gêneros do discurso científico, pois apresenta uma forma composicional mais rígida, oferecendo menos condições favoráveis para a expressão da individualidade quando comparado ao discurso de DC. O último possui como fonte o primeiro, dividindo um mesmo conteúdo temático, o da ciência, porém é mais propício para a expressão da individualidade, já que se realiza fora da esfera da ciência, isto é, fora de sua fixidez (ZAMBONI, 1997).

Além disso, é preciso evidenciar a distinção existente no conceito do “saber” entre o discurso científico e o midiático. O “saber”, para a mídia, carrega a função de informar o público, de dizer. A construção jornalística parte da suposição primeira *de que* o leitor quer “saber” e após *do que* o leitor quer “saber”, portanto, a mídia considera sua fala como uma forma de preencher o direito e a necessidade do público de se manter informado. A ciência, no entanto, tem o compromisso com o próprio “saber”.

As práticas discursivas da ciência adquirem significado graças a um diálogo contemporâneo (diferentes posições disciplinares e teóricas) e a um processo histórico (pelos antecedentes da pesquisa). Na prática jornalística [...] existe um ‘aplainamento’ sobre o *fato científico*, no que diz respeito a essa historicidade (SANTOS, 2007, p. 39, grifo da autora).

O fato exposto leva, inclusive, a pensarmos que o enunciador de um discurso científico é o detentor do conhecimento que está sendo transmitido, ao contrário do autor de um enunciado de DC que se torna porta-voz do saber.

Outra observação pertinente ao trabalho aqui exposto e que esclarece melhor as divergências entre os discursos científico e de divulgação científica é a realizada por Sanches (2009). O artigo científico, de acordo com o estudo por ela realizado,

[...] é redigido por pesquisadores, publicado em periódicos científicos, direcionado aos pares e tem por objetivo avançar o estado de conhecimento de determinada área do saber. Diferentemente, conforme pondera Grillo (2004), o artigo de divulgação científica, embora também possa ser redigido pelo próprio pesquisador, tem por objetivo aumentar, no outro, o conhecimento já existente, e não avançar o estado do conhecimento da esfera científica. Desse modo, difunde esses saberes ao grande público, criando uma cultura científica na sociedade (SANCHES, 2009, p. 13).

A arquitetura composicional de um artigo científico apresenta, frequentemente, o resumo, a introdução, o desenvolvimento, a conclusão e as referências bibliográficas. Isso nos evidencia, como o faz também o estudo de Sanches (2009), que o artigo científico pode ser incluído dentre os gêneros com grande estabilidade, visto que possui, como já aludido, formalização ou padronização na sua articulação composicional. Frisa-se, contudo, que por mais estável que um gênero seja, ele pode sofrer modificações, daí a expressão *relativamente estável* elaborada por Bakhtin e seu Círculo para se referir aos gêneros discursivos. Dessa maneira, por mais rígido que o discurso científico possa ser é possível a flexibilidade. Já o discurso de divulgação científica, conforme exposto, apresenta uma maior instabilidade, quer dizer, uma maior variação na sua arquitetura composicional.

A estudiosa faz, também, a ressalva em relação à objetividade e impessoalidade características do discurso científico, por meio do pensamento bakhtiniano. Ela adverte que a escolha de um gênero, a seleção de recursos gramaticais e o diálogo com outros enunciados e com o leitor presumido proporcionam ao enunciado o elemento expressivo, as concepções e visões de mundo individuais. Portanto, é inevitável que o texto venha carregado pela individualidade (SANCHES, 2009).

Para finalizar, mostra-se necessário expor a diferenciação entre *difusão científica*, *disseminação científica* e *divulgação científica* realizada por Bueno e debatida por Grillo (2006) e outros pesquisadores do discurso de DC.

A *difusão científica* é definida como “todo e qualquer processo ou recurso utilizado para a veiculação de informações científicas e tecnológicas” (BUENO *apud* GRILLO, 2006, p. 4). A *disseminação científica* apresenta uma linguagem restrita, sendo assim seu público especializado. No entanto, há duas formas de disseminação: a primeira é intrapares, ou seja, as informações científicas circulam entre especialistas de uma área; e a segunda é extrapares, pois as informações científicas circulam entre especialistas fora do domínio ou da “área-objeto da disseminação” (GRILLO, 2006, p.4). Já a *divulgação científica* é caracterizada pela “veiculação de informações científicas [...] ao público em geral” (BUENO *apud* GRILLO, 2006, p. 4), além de apresentar a linguagem não especializada e, portanto, acessível a todo público. O jornalismo seria um dos campos em que a DC pode acontecer, seguindo, dessa forma, as coerções desse campo (GRILLO, 2006). A partir das ideias bakhtinianas, pode-se afirmar que o discurso científico sofreria influências dos elementos pertencentes à esfera midiática.

Há que se frisar, antes de ser realizada a análise dos enunciados apresentados na *Revista Língua Portuguesa*, que eles aqui não são considerados pertencentes à DC tradicional, uma vez que as divergências iniciam-se já a partir da autoria. Todos os enunciados selecionados para a análise são de pesquisadores linguistas, portanto, eles não são meros porta-vozes da informação científica, mas sim aqueles que produzem o conhecimento científico. É a partir da pesquisa dos linguistas que novidades científicas se constroem e são eles mesmos, no caso da revista estudada, os responsáveis pela divulgação do que fazem, dos resultados dos estudos de sua área e da linguística de forma em geral. Isto quer dizer que eles são os que dominam as informações da linguística, por isso, podem ir além de apenas transmitir novidades científicas, como fazem os jornalistas. Além disso, nesses enunciados, diferentemente da DC, há marcadamente um posicionamento valorativo do autor.

Como a revista em questão está na confluência das esferas jornalística e científica, nosso objetivo é investigar se os enunciados em pauta são artigos de opinião ou artigos científicos. No entanto, acreditamos que também deve ser discutido, nas análises, o que esses enunciados têm em comum com a DC.

4 ANÁLISE

Para se efetivar a observação de como se manifestam enunciados de linguistas na *Revista Língua Portuguesa*, foram selecionados quatro para serem submetidos à análise, sendo eles: *A graça do contraste*, de José Luiz Fiorin; *Latim do Cariri*, de Henrique Braga e Marcelo Módolo; *O doce enigma do brigadeiro*, de Mário Eduardo Viaro; *Palavras congeladas*, de Sírio Possenti. Todos são de autoria de estudiosos, professores e/ou pesquisadores da linguística em universidades brasileiras de renome: USP e Unicamp. O que se propõe é identificar como esses enunciados podem ser entendidos em sua composição genérica, pois são elaborados por especialistas e discutem sobre temáticas da ciência linguística, o que os levaria a serem considerados científicos. No entanto, ocupam uma esfera da atividade humana diferente da que os especialistas geralmente se inserem, uma vez que essa revista é voltada para um público muito mais amplo quando comparada a um artigo científico, que se restringe à área acadêmica.

Segundo Bakhtin (2011), as escolhas composicionais são determinadas, principalmente, pela relação do enunciador com os outros enunciados. As escolhas realizadas pelo autor refletem a característica responsiva do enunciado, o que faz evidenciar a interação, o dialogismo, elemento importantíssimo para a constituição do estilo. A atitude responsiva e de interação é frequentemente notada nos enunciados analisados. Em *A graça do contraste* o fato é observado quando se inicia o debate a respeito do tema a partir de um fragmento retirado da revista *Veja*. A discussão sobre oxímoro somente acontece em resposta a uma expressão efetivada pela revista *Veja* (ver Anexo A, p. 51). O enunciado de Fiorin acontece como resposta ao da revista *Veja*, que foi publicado anteriormente.

Além disso, esse enunciado da *Revista Língua Portuguesa* realiza diálogos e, por conseguinte, possui uma atitude responsiva ativa com outros enunciados: um livro de literatura, um poema de Camões e uma peça publicitária a fim de reforçar sua argumentação a respeito do tema exposto (ver Anexo A, p. 51-52). É relevante frisar que esse tipo de diálogo torna a inserção do leitor leigo, no assunto problematizado, muito mais acessível, uma vez que, para falar de um elemento estritamente da esfera linguística, utilizam-se fatos presentes na vida cotidiana de qualquer leitor, como textos da revista *Veja* e propaganda. Isso gera momentos de rarefação ou de leveza para o leitor não-especialista que não consegue acompanhar integralmente a densidade do discurso da ciência. Por isso é preciso essa intercalação de densidade (a exposição do científico) e da leveza (o diálogo com o cotidiano do interlocutor). Por serem exemplos comuns no cotidiano, o tema passa a ser mais facilmente

compreendido. Mas o autor não permanece somente nos exemplos mais simples, pelo contrário, ele os associa com os da esfera acadêmica: o livro de literatura e o poema de Camões. Dessa forma, o enunciado nos mostra que possui uma temática científica, mas a expõe de modo fácil de ser entendida, a partir de comparações e aproximações que invadem a esfera cotidiana em que o leitor leigo está inserido. Também realiza diálogos entre o seu tema, os clássicos e o que é do cotidiano, o que faz ampliar as vozes ali inseridas, a heteroglossia.

O enunciado *Latim do Cariri* (ver Anexo B) é outro que possui o diálogo, a interação como característica para a constituição de seu estilo, de sua temática e de sua forma composicional. É a partir da exposição de uma nova descoberta efetivada em um trabalho de dissertação que o enunciado se constrói (o gênero do discurso de que este enunciado se aproxima é a resenha acadêmica). Há uma atitude responsiva ativa também nele, pois é elaborado de modo a expor a descoberta efetivada na dissertação, mas há um posicionamento valorativo por parte dos autores, o que auxilia na construção do estilo. Módolo e Braga se mostram de acordo com o que foi descoberto pela pesquisa, porém falam de pontos negativos existentes nela: as traduções. Como especialistas na área, eles acham-se no direito tanto de concordar com a pesquisa linguística quanto de criticar, acontecimento que não seria recorrente se o divulgador da pesquisa e da descoberta sobre o latim de Cariri fosse um jornalista. Por isso, é de fundamental importância para o entendimento dos enunciados da *Revista Língua Portuguesa* especificar os autores, visto que eles são os responsáveis pela construção dos enunciados, fazendo-os em determinados estilos e colocando-os em determinadas esferas e gêneros.

No enunciado *Palavras congeladas*, de autoria de Possenti, há uma outra maneira de manifestação do posicionamento axiológico do autor. O pesquisador-autor faz uso de aspas na palavra “errado” dentro da expressão “povo que fala errado” (ver Anexo D, p. 60). O autor faz uma discussão a respeito de uma variante linguística que se tende a considerar inferior ao que é usado na norma padrão. Sendo um pesquisador e um linguista, é evidente que Possenti não concorda com o fato de se considerarem as variantes uma deturpação da norma padrão, por isso utiliza aspas na palavra “errado”, deixando nítida a sua posição a respeito do assunto. Isso demonstra, ainda, a relação que o autor possui com os outros discursos científicos, em que há, de modo geral, a defesa das variações linguísticas, e, além disso, mostra o lugar ocupado pelo locutor e pelo enunciado no tempo e espaço. Assim, o posicionamento axiológico vai além de uma simples avaliação, inserindo o enunciativo, o destinatário e o enunciado em um momento histórico, por meio, no contexto aqui analisado, da partilha de descobertas, inovações científicas.

O enunciador adapta-se a um gênero e a uma esfera quando produz seu enunciado, mas só o faz pensando naqueles que vão lê-lo. Por esse motivo, os enunciados do periódico em debate se mostraram com um estilo em que predominam explicações, generalizações, comparações e simplificações. Como o que se pretende é divulgar a linguística, isto é, difundi-la em outras esferas, transpassar o limite da esfera acadêmica, é preciso adaptações.

A *Revista Língua Portuguesa* se insere em outra esfera da atividade humana, pois difunde a ciência, por meio de autores especializados, para um público leigo sobre o assunto. Portanto, os autores precisam de um estilo que abarque as necessidades expressas pelos destinatários. Termos científicos, por exemplo, precisam ser explicados, como o faz Fiorin decompondo a palavra oximoro em seus termos gregos (ver Anexo A, p. 51). Ainda no texto do pesquisador, as palavras mais formais ou de uso não corrente são acompanhadas por sinônimos como quando logo após “aporias” colocam-se “paradoxos” e “incoerências” (ver Anexo A, p. 51). São recursos estilísticos e de composição dos enunciados que os fazem estarem em acordo ou em diálogo com as exigências das esferas a que são destinados.

Observou-se que há que se ter, nos enunciados que difundem a ciência para não-especialistas, inclusive exemplificações, como o faz Fiorin ao utilizar o poema de Camões, o livro de literatura e a propaganda. Os enunciados *O doce enigma do brigadeiro*, de Viaro, e *Palavras congeladas*, de Possenti, são outros que nos demonstram o fato. Neles, há exemplificações, que auxiliam na argumentação, por meio de acontecimentos pessoais. A partir dos fatos ocorridos com os próprios pesquisadores-autores surge a exposição da temática científica e graças à colocação pessoal o assunto torna-se muito mais acessível à compreensão de um leigo. Além disso, faz-se a associação de problemas científicos a fatos cotidianos, ocorridos na vida pessoal dos enunciadores. Tenta-se, assim, aproximar mais o leitor do mundo científico através da cotidianidade. Mostra-se relevante sublinhar que são enunciados carregados em sua composição e estilo pela informalidade, contudo, ao mesmo tempo, ressaltam a cientificidade ou o método científico para validar aquilo que estão expondo (é o caso do enunciado de Viaro). Possenti conta um caso pessoal, mas busca a todo tempo referências científicas para as formulações e hipóteses que vai realizando a partir do que aconteceu em sua vida. É o caso da citação do livro *O dialeto caipira*, de Amadeu Amaral (ver Anexo D, p. 60). Isso é notado tanto no enunciado de Possenti quanto no de Viaro, visto que contam acontecimentos pessoais como estratégia para partir para um tema científico. É o autor se firmando no tempo e espaço, projetando-se sócio-historicamente e, por conseguinte, fazendo o mesmo com o interlocutor.

Percebe-se, dessa forma, que, além de os enunciados serem formados pelas relações culturais, sociais estabelecidas dentro de cada esfera e de acordo com os destinatários, ou seja, serem de natureza social, há muito da vida do autor, da visão de mundo que ele apresenta. Isso é relevante, porque demonstra que a revista e a esfera de ação em que ela se situa permitem a informalidade, característica não esperada nos discursos científicos por excelência. O que mais ressalta é que os autores dos enunciados apresentados na *Revista Língua Portuguesa* são os mesmos que realizam discursos científicos da área acadêmica, já que são pesquisadores, linguistas. No entanto, os enunciados da revista aqui analisada são construídos de modo divergente do que é exigido nos discursos científicos, cuja característica evidente é a formalidade, a padronização. Outro fato que comprova a diferença aludida é o emprego da primeira pessoa do singular. Ademais, o autor trava um diálogo direto com o leitor (ver os Anexos C e D).

A informalidade, elemento que comprova a divergência existente entre o que os pesquisadores-autores fazem na esfera científica e na esfera da divulgação científica por meio jornalístico, está presente também na forma descontraída de escrever, havendo, muitas vezes brincadeiras. Não é esse o estilo esperado em um artigo científico de uma revista especializada que é endereçada somente ao meio acadêmico. Como o destinatário é um dos principais elementos que determinam a composição e o estilo de um enunciado, no veículo de informações *Revista Língua Portuguesa* não é necessário manter a seriedade, a formalidade, dando espaço maior à subjetividade do autor e, conseqüentemente, às brincadeiras. Um exemplo está no enunciado *Latim do Cariri* em que há o uso da pergunta “latim rima com Cariri?” a fim de dar início ao debate sobre a descoberta realizada na dissertação sobre o latim no Cariri (ver Anexo B, p. 53).

Outro exemplo de descontração e brincadeira no discurso realizado por um pesquisador-autor é visível na expressão: “Mas a pesquisa continua... Quem dá menos?” (ver Anexo C, p. 58). O trecho é encontrado no enunciado *O doce enigma do brigadeiro*; o autor trata de forma divertida o fato de que não se sabe ao certo a origem do nome “brigadeiro” do doce famoso e que, por conseguinte, seriam necessárias mais pesquisas nos antigos livros de receitas para identificar quando o nome foi utilizado pela primeira vez. Assim, chegar-se-ia a uma definição sobre as especulações e histórias que envolvem esse nome.

Outro fato inadmissível dentro do contexto dos discursos científicos e que demonstra a informalidade e maior liberdade do discurso de divulgação científica apresentado na *Revista Língua Portuguesa* é o uso de um exemplo da vida pessoal para demonstrar a inconfiabilidade em uma hipótese. Faz-se isso também no enunciado *O doce enigma do brigadeiro* em que se

traz à tona a discussão do surgimento da palavra “brigadeiro” com a significação de doce. O enunciado nos apresenta diferentes hipóteses a respeito da origem do nome e ao mesmo tempo descarta as que o autor julga serem não-críveis. Isso é feito, pois não se sabe ao certo como a denominação “brigadeiro” chegou ao doce, portanto, o texto não é conclusivo.

O autor Viaro demonstra que é difícil termos a certeza de que esse nome provém do brigadeiro Eduardo Gomes, que gostava do doce e que foi candidato à presidência em 1946, porque mesmo que uma pessoa tenha vivido o momento de tal acontecimento, ela não pode ser a prova para isso, já que a mente humana pode enganar. Podemos ter lembranças irreais, conforme a tia-avó do pesquisador-autor que, apesar de ter uma boa memória dos fatos, afirmava convictamente que o presidente americano que tinha sido assassinado era Nixon e não Kennedy (ver Anexo C, p. 57). Fazer tal comparação com o fato da origem do nome do doce é uma maneira de fortalecer a argumentação a favor da opinião do autor, mas que não é bem vista no discurso científico (pelo menos na área da Linguística), uma vez que não possui embasamento teórico, bibliográfico, científico para ser considerada com seriedade. Isso apenas poderia acontecer dentro de um contexto em que não se exige tal seriedade e formalidade.

Desse modo, constata-se mais uma vez que, apesar de serem linguistas os autores dos enunciados da *Revista Língua Portuguesa* e de a temática estar relacionada com a ciência humana, não se pode afirmar que os enunciados analisados sejam típicos da esfera científica. Textos da esfera acadêmica tendem a colocar à sombra o sujeito enunciativo. A exigência é a opacidade, acontecimento oposto ao que foi aqui identificado nas análises, visto que ocorreu, de modo amplo, a aparição daquele que enuncia, colocando-se de forma mais aberta ao diálogo com o destinatário.

Portanto, o que foi se mostrando cada vez mais nítido quando se compara o discurso que se produz na esfera científica e o na esfera jornalística é o fato de que o estilo e a forma de um enunciado são determinados pelo contexto, pelas circunstâncias, pela posição social e pela relação dos participantes mais próximos da enunciação. Todos esses fatores combinados levam à diferença de estilos entre o discurso científico, com muito mais formalidade e rigidez, e o jornalístico (quando veicula pesquisas científicas), com muito mais flexibilidade e informalidade.

Mudando-se a esfera de ação em que o enunciado deve circular, o discurso passa a dialogar, para ser efetivamente válido e cumprir seus objetivos, com as circunstâncias, as especificidades do novo contexto a que ele foi introduzido. Sendo situado na esfera jornalística e endereçado a um público muito mais amplo do que somente estudiosos da

linguística, o discurso presente na *Revista Língua Portuguesa* e analisado nos enunciados aqui discutidos será divergente do apresentado à esfera acadêmica por meio dos artigos científicos. O estilo se constrói através das circunstâncias das esferas de ação em que os enunciados se inserem; do destinatário, que é intimamente relacionado às esferas; e do próprio autor.

No caso aqui discutido, há mudanças e diferenças no aspecto autor, mas não só; os enunciadorees dos enunciados analisados são todos pesquisadores e estudiosos da linguística, sendo assim, eles transitam entre a esfera científica e a jornalística. Contudo, é preciso considerar que, alterando o destinatário, o lugar do enunciadoree automaticamente se altera também, pois, de acordo com o dialogismo, o discurso não pode existir independente daquele a quem ele é endereçado. O acontecimento comprova o quão importante é, para a construção do enunciado, o (possível) interlocutor e a esfera de ação com suas especificidades, já que muda totalmente o estilo. É relevante ressaltar ainda que a forma de concepção do destinatário, que interfere na composição de um enunciado, é determinada pela esfera de ação. A esfera jornalística, dessa forma, possui um tipo de interlocutor diferente da esfera científica, visto que um é especializado e outro não o é, necessariamente. A adaptação deve acontecer para o vínculo comunicacional poder ser mantido, mesmo que o assunto não seja da alçada do leitor.

Os objetivos da esfera científica são diferentes da esfera jornalística. Na primeira, visa-se aprofundar o saber por meio de novas pesquisas, novas descobertas que vão sendo reveladas através dos discursos científicos. Já na esfera jornalística, quando se trata de divulgar as investigações feitas pelos cientistas, visa-se à difusão da ciência para aqueles que estão fora da construção do saber; pretende-se a sua midiaticização. Assim sendo, as situações, as circunstâncias são diversas, não podendo o discurso se manter o mesmo, apesar de a temática ser compartilhada.

O estilo, dessa maneira, está intimamente relacionado às esferas de comunicação, sendo cada estilo próprio do gênero que se produz e/ou circula em determinada esfera. Por isso, encontrou-se, por exemplo, descontração nos enunciados da *Revista Língua Portuguesa*, fato que deixa o público da esfera jornalística mais perto da ciência, o público leigo se sente refletido no enunciado. Isso não acontece no discurso científico, porque o público a que ele se destina já está próximo da temática debatida e do jargão da área. A imagem que um enunciadoree possui de seus interlocutores está relacionada à sua percepção da esfera de atividade que esses destinatários ocupam. E é ainda importante frisar que a percepção que o enunciadoree formula do destinatário interfere nas escolhas composicionais e estilísticas do

discurso. Uma determinada função gera determinados tipos de enunciados estilísticos, temáticos e composicionais relativamente estáveis.

Apesar de os enunciados terem a temática científica, discutindo, todos, assuntos ligados aos estudos linguísticos em relação à Língua Portuguesa, quer dizer, terem uma unidade do ponto de vista temático, a sua arquitetura composicional não condiz com a característica do artigo científico. O artigo científico é marcado pelo resumo (que pode ser acompanhado de versão em língua estrangeira), introdução, desenvolvimento, conclusão e referências bibliográficas; faz uso essencialmente de argumentos de autoridade na área e apresenta aspectos relativos à base teórica e metodológica da pesquisa. Nenhum dos enunciados analisados apresentou tal estrutura. Claro que, como textos de opinião, eles possuem introdução, desenvolvimento e conclusão, porém essas partes são mais restritas e os autores não apresentam uma preocupação em localizar seu estudo/análise em uma área da linguística, de forma que os aspectos relativos ao embasamento teórico-metodológico ficam implícitos, pois não são, ao que parece, relevantes para o enunciado em questão.

Isso ocorre pelo fato de estarem inseridos na esfera jornalística, em que há um limite maior na extensão do texto. A exigência existe também na esfera acadêmica, mas a amplitude dada é maior. Acrescenta-se que, como a revista se destina a um público leigo na área da linguística, não há que se ampliar o assunto debatido, ele apenas deve ser fornecido a ponto de o leitor ficar a par, porém, não se aprofundar e se tornar um especialista. Vale lembrar que os enunciados aqui expostos apresentam duas páginas com a exceção de *O doce enigma do brigadeiro* que é composto por quatro.

As especificidades da esfera jornalística não se restringem a isso. É fácil observar outras exigências pertencentes ao mundo jornalístico na arquitetura composicional dos enunciados, sendo que são características inexistentes nos discursos científicos. Todos os enunciados apresentaram a segmentação do texto, de modo que a leitura fica mais compactada, rápida e acessível. Os enunciados são divididos em colunas, tendo, cada uma, um título que se refere de maneira evidente ao assunto que será exposto na própria coluna, introduzindo e clareando o leitor do que se falará. O interlocutor pertencente à esfera jornalística e de midiatização da ciência não possui muito tempo disponível para destinar à leitura, portanto, há um consenso construído no meio jornalístico de que haja a necessidade de o texto ser compactado, de leitura fácil e rápida. Assim sendo, a estrutura composicional demonstra a que esfera de atividade se pertence, inserindo o leitor e o autor num momento sócio-histórico em que os valores definem modos de dizer.

Há que se sublinhar ainda que todos os enunciados possuem ilustrações. Entretanto, não são meros desenhos ou fotos. Todas as ilustrações são correlacionadas à temática exposta, como por exemplo, no enunciado *Latim do Cariri*, há uma foto de uma página da estátua do padre Cícero (ver Anexo B, p. 53), uma vez que ele é o maior representante do catolicismo e, por conseguinte, do latim no nordeste brasileiro. Outro exemplo é uma foto (ver Anexo C, p. 58), no enunciado *O doce enigma do brigadeiro*, do então candidato à presidência, Eduardo Gomes, cuja responsabilidade do nome ao doce é atribuída. Além disso, esse enunciado apresenta também, como não podia ser diferente, imagens do doce cuja origem do nome é problematizada: o brigadeiro (ver Anexo C, p. 55, 56, 57). As imagens podem chamar atenção do destinatário para o enunciado. Além disso, elas demonstram a que cultura que os destinatários e os locutores participam, evidenciando também, conjuntamente à temática do enunciado, a que tempo e espaço, a que momento sócio-histórico que todos se inserem. Vejamos como isso se dá.

A figura (ver Anexo A, p. 50) presente no enunciado *A graça do contraste* deixa nítido o assunto que será problematizado: os oximoros. Mostra-se uma mulher dividida horizontalmente, sendo as pernas relacionadas à parte inferior da terra e destacadas com a cor vermelha. Já a parte superior da mulher relaciona-se com o solo da terra, fato notado pelas árvores ao redor da mulher e pela cor verde. É uma imagem que esclarece a concepção de oximoro, já que nos apresenta de modo figurativo o contraditório. Pode-se afirmar que é mais uma maneira de deixar o tema mais acessível ao leitor leigo, porém, é também uma forma de incitar o leitor não-especializado que precisa de outros atrativos além da informação da ciência, pois sua esfera não é a científica, o que o faz não se satisfazer somente com essa temática. No entanto, a temática e a imagem estão relacionados ao conflito do momento histórico: as contradições, as incoerências. Portanto, a imagem, no caso, auxilia a situar o momento histórico e a cultura em que se vive. Além disso, há a comunhão do verbal ao visual, que estão em íntima interação para se transmitir informações. A construção temática, composicional e estilística apenas se deu a partir da influência do social e do diálogo.

Para facilitar mais a leitura e gerar, também, a descontração (característica que, como se observou, se mostra própria do discurso jornalístico analisado aqui) o enunciado *Palavras congeladas*, que expõe as variantes linguísticas que permaneceram a partir de formas antigas, apresenta uma ilustração que se correlaciona com o título escolhido. São cubos de gelo os quais possuem, por dentro, as palavras ditas provenientes de formas antigas ou ditas congeladas: “donde” e “pissuí” (ver Anexo D, p. 59). A temática do enunciado é resumida na imagem, conseguindo, de modo muito mais eficiente e rápido a compreensão responsiva ativa

do interlocutor. Nota-se que o discurso jornalístico tem como gêneros privilegiados, ao lado dos verbais, também os não-verbais e híbridos, supondo que o destinatário pertencente à esfera midiática necessita de imagens, sendo assim, uma das especificidades dessa esfera e que leva a mais uma divergência em relação à composição do discurso científico. Pode-se dizer, inclusive, que o discurso jornalístico depende do impacto visual e, portanto, o diálogo entre o visual e o verbal é muito relevante. Já no discurso científico na área da Linguística não se pode fazer tal assertiva, visto que não há o diálogo entre o visual e o verbal; não há o uso de imagens, porque um leitor especialista não precisa ter a atenção mantida por figuras e não precisa do auxílio delas para ter uma compreensão responsiva ativa.

Outro elemento da arquitetura composicional de enunciados situados na esfera jornalística e, por conseguinte, presente nos discursos da *Revista Língua Portuguesa* aqui analisados são as mini resenhas, isto é, destaques por um corpo de letras bem maior que a do texto, em que se apresentam fatos do assunto enunciado (ZAMBONI, 1997). Elas também são uma maneira de gerar um destaque visual, contudo, são elaboradas de maneira a provocar no leitor leigo em relação à ciência linguística a atitude de prosseguir a leitura para, assim, saber mais sobre o que elas estão anunciando. É possível afirmar que as características da composição e do estilo dos enunciados analisados fazem o leitor ficar estimulado a ler e isso é próprio da esfera jornalística, midiática, que precisa, inclusive, se preocupar com a vendagem e o rendimento. Dos quatro enunciados analisados, todos apresentam as mini resenhas.

O enunciado *Latim do Cariri* é constituído por outra especificidade da esfera jornalística e que o faz um discurso com composição e estilo que o aproximam ao discurso de divulgação científica. O elemento é o boxe (ver Anexo B, p. 54), isto é, seção separada do texto ou demarcada por linhas e que traz conteúdo específico e tem título próprio. O enunciado referido apresenta dois boxes cuja função pode ser também a de prender a atenção do leitor, dando a ele uma fuga do texto principal para, assim, sair da densidade científica que não pertence ao seu meio. Se o leitor não suportar a densidade do tema, ele pode se voltar ao boxe que o mantém, dessa forma, preso ao enunciado. Um dos boxes do enunciado em questão fornece ao leitor o nome do livro digital sobre a dissertação abordada e o outro expõe um telegrama escrito em latim de padre Cícero endereçado ao papa Leão XIII. Eles, portanto, mantêm a relação temática com o texto principal, dando informações extras a respeito do tema ao mesmo tempo em que geram a rarefação. Entretanto, no caso que mostra o telegrama, há o diálogo entre enunciados diferentes (o texto principal e o boxe), evidenciando, ainda, um diálogo entre o passado e o presente; diálogo que é encontrado, na nossa contemporaneidade, nas pesquisas, as grandes influenciadoras do discurso do presente.

Aqui, nota-se a cadeia de discursos em que o enunciado se insere, já que nenhum discurso se constitui sozinho, sendo um elo: o enunciado é uma resposta ativa à dissertação, esta o é ao telegrama exposto no box, pois promove um estudo sobre isso e, por conseguinte, o texto principal do enunciado também é uma resposta ativa ao enunciado do box. O enunciado se revela participante de uma história, de uma cultura e de um evento. Vemos, então, no discurso jornalístico (neste caso, que se aproxima do gênero resenha crítica), como ocorre também em outros discursos, a exposição dialógica à heteroglossia. Há que se afirmar, no entanto, que, nos enunciados científicos, há o predomínio da voz da ciência, das exigências restritivas e padronizadoras tomadas nessa esfera. Já nos discursos analisados há maior abertura para diálogos mais amplos, uma vez que os destinatários não são especializados; são, na realidade, de categoria muito mais dilatada quando comparados aos especializados. Os autores desses discursos precisam ampliar os recursos linguísticos, estilísticos e de composição para difundir a ciência. Assim, a heteroglossia é maior e o estilo mais flexível nos enunciados aqui expostos, visto que seguem a orientação social, muito mais abrangente quando comparada aos pesquisadores da esfera científica, encontrada nos seus interlocutores.

Os enunciados da *Revista Língua Portuguesa* se encaixam à esfera jornalística em que há a necessidade de rendimento, de boa vendagem, conforme já aludido, o que influencia a composição, o estilo e mesmo o tema a ser discutido. Há, contudo, uma qualidade garantida, pois são enunciados escritos por pesquisadores da área, sendo, portanto, amparados e escorados na autoridade dos especialistas. É a credibilidade da voz da competência científica, mas fora da esfera científica, fato considerado também um atrativo para os leitores. A autoridade do autor-especialista faz alavancar a presença do científico nos enunciados que não são do mundo acadêmico.

Por exemplo, no enunciado *O doce enigma do brigadeiro*, Viaro ressalta a relevância do método científico (ver Anexo C, p. 57-58); em sua argumentação, afirma que somente com o senso crítico e com o método científico é que se poderá descobrir qual é a verdadeira hipótese para a origem do nome do doce brigadeiro. Desse modo, o autor traz cientificidade ao enunciado que poderia permanecer apenas nas especulações da origem da designação. A cientificidade é percebida também no enunciado *Latim do Cariri*, em que os autores realizam um diálogo crítico com uma dissertação (enunciado restrito ao mundo acadêmico), e no enunciado *Palavras congeladas*, em que o autor explica a procedência das palavras “donde” e “pissuí” por meio da exposição simplificada de uma análise histórico-científica. Portanto, junto à autoridade ou credibilidade do autor surge a cientificidade e vice-versa. Essa é uma característica compartilhada pelos discursos aqui analisados; não apresentam como porta-voz

da ciência um jornalista, mas o próprio estudioso dos fatos discutidos, o conhecedor maior do que está sendo dito, isto é, um cientista. Desse modo, há, nos enunciados analisados, o peso da autoridade da voz do enunciador que, por consequência, pode expor sua posição valorativa sobre o assunto que está transmitindo, o que faz dos enunciados uma espécie de DC diferente, não-comum. Já se pode notar, portanto, a mescla de características de gêneros diferentes dentro desses enunciados, o que faz deles um caso específico, não sendo completamente nem artigos científicos, nem de opinião e nem uma DC tradicional.

Um fator que avultou durante a análise e que, mais uma vez, demonstra a diferença existente entre artigo científico e estes apresentados na *Revista Língua Portuguesa* é a instabilidade do último tipo de discurso na revista em específico. Há uma variação muito grande nas características dos enunciados analisados, propiciando uma dificuldade de encaixá-los em gêneros já definidos/estudados. O que se pretende ressaltar é o fato de os enunciados acentuarem o que Bakhtin nos expõe como gêneros *relativamente* estáveis; os enunciados da *Revista Língua Portuguesa*, que foram submetidos à análise, são constituídos por características de diferentes gêneros, o que evidencia a instabilidade dos discursos que se encontram entre duas esferas; neste caso, a jornalística e a científica.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com as ideias bakhtinianas, todo gênero é *relativamente* estável, existindo graus diferentes dessa estabilidade. Os discursos científicos, dentre eles o artigo científico, têm maior estabilidade, tanto na forma composicional quanto no estilo; a estabilidade é típica dos gêneros dessa esfera. Já os enunciados comentados não apresentam em nenhuma situação a rigidez ou fixidez dos da esfera científico-acadêmica. Na verdade, o que se observou foi uma grande variação e mistura de características que os fazem serem mais instáveis quando comparados aos últimos. Dessa maneira, cabe questionar a qualificação que os textos publicados na revista em questão atingem na avaliação dada pela CAPES – pela qualificação, deveríamos encontrar neles as características típicas do artigo científico, entretanto, os enunciados, conforme foi exposto, não apresentam todas as características condizentes com os artigos científicos, apesar de também transmitirem ideias e descobertas da linguística.

A instabilidade, no entanto, não reside somente nesse fato. Os enunciados analisados são constituídos por informações científicas, porém, eles carregam, como já lembrado, de forma acentuada, a subjetividade do autor a respeito do tema trazido à tona. Vale sublinhar que nenhum enunciado é neutro, mas o artigo científico, sendo um discurso científico, não poderia trazer de modo evidente a subjetividade do autor, há que se ter a opacidade do sujeito. Já nos enunciados comentados, há a exposição evidente do sujeito-autor, o que pode ser identificado no uso da primeira pessoa e o narrar de fatos, acontecimentos da vida pessoal do autor. Tenta-se persuadir o leitor; o objetivo, além de ser a difusão científica, é o de convencer o leitor do que está sendo tematizado a partir da exposição direta do ponto de vista do sujeito-autor que é uma autoridade em relação à ciência linguística. É relevante lembrar que sendo uma exposição mais clara da opinião do autor, os enunciados aqui discutidos podem ser vistos como uma espécie de diálogo com o modo de pensar de outras pessoas, visando à transformação de seus pontos de vista.

Além disso, um dos enunciados, o *Latim do Cariri*, pode ser interpretado como próximo ao gênero da resenha, uma vez que é exposto, de modo crítico, o conteúdo de uma pesquisa apresentada em uma dissertação, caracterizando, então, uma publicação, de certa forma, mais especializada quando comparada às outras. Ademais, a própria *Revista Língua Portuguesa* denominou a seção dessa publicação como “academia”, indicando aos leitores a relação não distante com a esfera científica. Sendo próximo ao gênero da resenha crítica, é evidente que esse enunciado seria constituído marcadamente por um ponto de vista a respeito do trabalho acadêmico apresentado, parecendo, de certo modo, uma avaliação. *Latim do*

Cariri, entretanto, também pode ser aproximado a um discurso de divulgação científica, visto que exerce a função de propagar um fato científico. Encontramos, portanto, um exemplo de hibridização de gêneros.

Os fatos mencionados demonstram como a fronteira entre os gêneros é frágil, fazendo com que o estilo e a forma composicional sejam bem variados nos enunciados analisados; é a imprecisão de suas características e fronteiras. Isso comprova que a composição de um enunciado não se constitui isoladamente, já que ele não está sozinho e, sim, faz parte de uma cadeia de discursos, levando em conta a história, a cultura a que ela se insere. Dessa forma, o diálogo e a natureza sociológica são evidentes no aspecto da instabilidade dos discursos de divulgação científica.

Além disso, a instabilidade dá relevo à historicidade, já que indica que não há definição de uma vez para sempre. A não-estabilidade dos enunciados aqui comentados revela que eles não estão apenas agregados às propriedades fixas, mas realizam contínuas transformações, são maleáveis dentro de suas características de composição e estilísticas, enfatizando que a esfera de atividade humana em que eles se situam, a jornalístico-midiática, está em contínua mutação; é mutável para acompanhar a dinamicidade do seu público. A imprecisão de fronteiras e limites observada reforça a ideia bakhtiniana de que os diferentes gêneros se hibridizam continuamente e de que a interferência de uma esfera de atividade humana em outra provoca renovações nos gêneros discursivos.

Vale sublinhar que a questão da autoria nos enunciados da *Revista Língua Portuguesa* é de extrema importância para a discussão aqui levantada. O autor ser um pesquisador gera toda divergência em relação aos discursos comuns da esfera jornalística, visto que não há apenas uma mera transmissão de informação, no caso em particular observado. O autor carrega, assim, grande poder de autoridade; ele é o principal conhecedor do que está nos enunciando, o que o faz ser mais que um porta-voz da ciência, como os jornalistas.

Os pesquisadores-autores dominam a informação que estão transmitindo, podendo, dessa forma, enunciar de modo mais amplo e explícito seus posicionamentos valorativos a respeito do assunto científico que estão discutindo. Por isso, em todos os enunciados estudados não há equipolência de vozes sociais, mas sim uma voz sobressalente: a do autor com autoridade na área linguística Poder-se-ia, assim, denominar os enunciados estudados como artigos de opinião; há, no entanto, fatores expostos na análise que não permitem tal conclusão.

Os enunciados também nos transmitem informações científicas e de forma muito mais acessível do que encontramos nos gêneros acadêmicos, conforme já explicado. Portanto, há

características que nos permitem incluir os enunciados da *Revista Língua Portuguesa* no discurso de DC e na esfera jornalística, inclusive. Por conta da autoria especializada, contudo, não é possível afirmar que os enunciados se tratam de DC tradicionais, já que não apresentam apenas informações. Ademais, são enunciados que estão dentro dos gêneros de transmissão de informações, mas não condizem com as definições e caracterizações de notícia e reportagem.

Assim sendo, os enunciados analisados são concomitantemente parecidos com artigos científicos, com artigos de opinião e com DC. Há uma confluência de características de gêneros diversos; é a mescla de aspectos de diferentes gêneros provocando a renovação dos gêneros discursivos.

É dessa maneira que se dá a formação de um gênero divergente dos demais, embora constituído de elementos característicos de determinados gêneros. Isso é o que propomos na conclusão desta análise, uma vez que se notou que o gênero discursivo apresentado na *Revista Língua Portuguesa* é diferente, não sendo plenamente artigo científico, nem artigo de opinião e nem DC, mas carregando elementos estilísticos e composicionais destes. Deduz-se, enfim, que os enunciados estudados são um gênero novo, particular nascido da convergência de outros gêneros discursivos e pertencente à esfera jornalística.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, M./VOLOCHÍNOV, V. N. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 14.ed. São Paulo: Hucitec, 2010.
- BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Tradução e introdução de Paulo Bezerra. 6.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- BRAGA, H.; MÓDOLO, M. Latim do Cariri. **Revista Língua Portuguesa**, São Paulo, n.77, p.50-51, março 2012.
- BRAIT, B. Análise e teoria do discurso. In: _____. (Org.). **Bakhtin: outros conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2010. p.9-31.
- _____. Estilo. In: _____. (Org.). **Bakhtin: conceitos-chave**. 4.ed. São Paulo: Contexto, 2010. p.79-102.
- CORACINI, M. J. R. F. **Um fazer persuasivo: o discurso subjetivo da ciência**. 2.ed. Campinas, SP: Pontes, 2007.
- FARACO, C. A. **Linguagem e diálogo: as ideias linguísticas do círculo de Bakhtin**. São Paulo: Parábola, 2009.
- FERRAZ, F. S. M. **Gêneros da divulgação científica na Internet**. 2007. 101f. Dissertação (Mestrado em Filologia e Língua Portuguesa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.
- FIORIN, J. L. A graça do contraste. **Revista Língua Portuguesa**, São Paulo, n.77, p.38-40, março 2012.
- FOSSEY, M. F. Semântica global e possibilidades discursivas: o discurso relatado em duas revistas de divulgação científica. **Alfa**, São Paulo, v.50, n.1, p. 91-112, 2006.
- _____. **A semântica global em duas revistas de divulgação científica: pesquisa Fapesp e Superinteressante**. 2006. 124f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006.
- GOLDSTEIN, N.; LOUZADA, M. S.; IVAMOTO, R. **O texto sem mistério: leitura e escrita na universidade**. São Paulo: Ática, 2009.
- GOMES-SANTOS, S. N. **A questão do gênero no Brasil: teorização acadêmico-científica e normatização oficial**. 2004. 251f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.
- GRILLO, S. V. de C. Divulgação científica na esfera midiática. **Intercâmbio**. São Paulo, 2006. Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/index.php/intercambio/article/view/3691>>. Acesso em: 20 março 2012.
- _____. Esfera e campo. In: BRAIT, B. (Org.). **Bakhtin: outros conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2010. p.132-160.

MACHADO, I. Gêneros discursivos. In: BRAIT, B. (Org.). **Bakhtin: conceitos-chave**. 4.ed. São Paulo: Contexto, 2010. p.151-166.

MARCHEZAN, R. C. Diálogo. In: BRAIT, B. (Org.). **Bakhtin: outros conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2010. p.115-131.

POSSENTI, S. Palavras congeladas. **Revista Língua Portuguesa**, São Paulo, n.80, p.38-39, jun. 2012.

SANCHES, K. P. **Relações dialógicas em artigos científicos: análise de um periódico de Saúde e Segurança do Trabalho**. 2009. 299f. Dissertação (Mestrado em Filologia e Língua Portuguesa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

SANTOS, S. de S. **Ciência, discurso e mídia: a divulgação científica em revistas especializadas**. 2007. 100f. Dissertação (Mestrado em Filologia e Língua Portuguesa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

VIARO, M. E. O doce enigma do brigadeiro. **Revista Língua Portuguesa**, São Paulo, n.78, p.54-57, abr. 2012.

ZAMBONI, L. M. S. **Heterogeneidade e subjetividade no discurso da divulgação científica**. 1997. 200f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1997.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

- ALVES FILHO, F. **A autoria nas colunas de opinião assinadas da Folha de S. Paulo.** 2005. 268f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005.
- BATISTA, R. H. **O sujeito discursivo no gênero artigo científico.** 2008. 126f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2008.
- BRAIT, B. (Org.). **Bakhtin: conceitos-chave.** 4.ed. São Paulo: Contexto, 2010.
- _____. (Org.). **Bakhtin: outros conceitos-chave.** São Paulo: Contexto, 2010.
- FAÏTA, D. A noção de “gênero discursivo” em Bakhtin: uma mudança de paradigma. In: BRAIT, B. (Org.). **Bakhtin: dialogismo e construção do sentido.** 2.ed. Campinas, SP: Unicamp, 2005. p.149-168.
- FIORIN, J. L. **Introdução ao pensamento de Bakhtin.** São Paulo: Ática, 2006.
- GRILLO, S. V. de C. Gêneros primários e gêneros secundários no círculo de Bakhtin: implicações para a divulgação científica. **Alfa**, São Paulo, v.52, n.1, p.57-79, 2008.
- LOVATO, C. dos S. **Análise de gêneros científicos midiáticos: a organização retórica de notícias de popularização da ciência nas revistas *Ciência Hoje* e *Galileu*.** Disponível em: <<http://www.letras.ufscar.br/linguasagem/edicao18/artigos/050.pdf>>. Acesso em: 19 março 2012.
- MACHADO, I. A. Os gêneros e o corpo do acabamento estético. In: BRAIT, B. (Org.). **Bakhtin: dialogismo e construção do sentido.** 2.ed. Campinas, SP: Unicamp, 2005. p.131-148.
- _____. Os gêneros e a ciência dialógica do texto. In: FARACO, C. A.; TEZZA, C.; CASTRO, G. de (Orgs.). **Diálogos com Bakhtin.** 4.ed. Curitiba: UFPR, 2007. p.193-230.
- MARCUZZO, P. O gênero notícia de popularização da ciência: objetivo comunicativo e organização retórica. **Interdisciplinar**, Itabaiana, SE, v.9, p.91-99, ago.- dez. 2009.
- MELO, L. E. Estrutura da narrativa ou gêneros, mundos, lugares discursivos e companhia?. In: BRAIT, B. (Org.). **Bakhtin: dialogismo e construção do sentido.** 2.ed. Campinas, SP: Unicamp, 2005. p.177-183.
- SANTANA, W. A. **A mediação das (neuro) ciências: discurso, ideologia, sujeito.** 2007. 204f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007.
- SILVA, R. L da. **A organização textual da opinião em textos dissertativos acadêmicos, notícias jornalísticas e crônicas do cotidiano.** 2010. 128f. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2010.

SOUZA E SILVA, M. C. P. de. Enunciados interrompidos: são eles inacabados?. In: BRAIT, B. (Org.). **Bakhtin**: dialogismo e construção do sentido. 2.ed. Campinas, SP: Unicamp, 2005. p.169-176.

ANEXOS

ANEXO A

Retórica

A graça do contraste

É possível realçar situações conflitantes por meio de oximoros, a criação de harmonia entre termos contraditórios, como em “estridente silêncio”

POR JOSÉ LUIZ FIORIN



REVISTA LINGUA

STOCKPHOTO

Em um artigo da revista *Veja*, aparece uma expressão, em princípio, estranha:

“Nas últimas semanas, o arcabouço que sustentava os interesses dos EUA numa região vital como o Oriente Médio simplesmente se desmanchou. O governo americano acompanhou tudo com estridente silêncio” (23/3/2011, p. 65).

A construção “estridente silêncio” parece paradoxal, pois o silêncio é o contrário da estridência (= forte ruído; estrépito). No entanto, quando refletimos melhor, verificamos que nela se harmonizam termos contraditórios com a finalidade de expressar, de modo mais adequado, uma situação conflitante. Com efeito, no exemplo acima, o que se pretende dizer é que os Estados Unidos se manifestam sobre todos os acontecimentos do mundo e que, portanto, seu silêncio inabitual chamou mais a atenção do que qualquer pronunciamento.

Oxímoro

Trata-se da figura de retórica denominada oxímoro, em que se combinam numa mesma expressão elementos linguísticos semanticamente opostos. A palavra oxímoro é formada de dois termos gregos: *oxýs*, que significa “agudo”, “penetrante”, “inteligente”, “que compreende rapidamente”, e *morós*, que quer dizer “tolo”, “estúpido”, “sem inteligência”. Como se vê, o vocábulo é formado de dois elementos contraditórios, o que significa que a palavra “oxímoro” é um oxímoro. Cabe ainda lembrar que, embora a pronúncia mais difundida seja com a tônica na antepenúltima sílaba, isto é, oxímoro, o Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa só reconhece as formas *oxímoro* (paroxítona) e *oximó-*

A construção parece paradoxal, mas nela se harmonizam termos contraditórios para expressar melhor um conflito

ron. Para acomodar a contradição expressa no oxímoro, o que se faz é restringir o sentido de um dos elementos de forma a poder aplicar a ele o termo antitético. No exemplo acima, *silêncio* deixa de significar “estado de quem se cala ou se abstém de falar” e passa a denotar uma maneira de pronunciar-se sobre alguma coisa. O oxímoro tem a finalidade de apreender as aporias, os paradoxos, as incoerências de uma dada realidade. Ao provocar um estranhamento, ele torna o sentido mais profundo, mais verdadeiro, mais intenso.

Definição

Normalmente, essa figura é construída relacionando uma qualidade, expressa por um atributo, um adjunto adverbial ou um predicado, àquele que a porta, manifestado por um substantivo, um verbo ou adjetivo, um sujeito, ou estabelecendo uma relação entre duas qualidades conflitantes. No livro *Barroco tropical*, de José Eduardo Agualusa (Cia. das Letras, 2009), há uma personagem, o General

Benigno dos Anjos Negreiros, sogro do narrador, que tem prazer na construção de oxímoros. O narrador também tem o gosto do paradoxo e, por isso, essa figura aparece muitas vezes ao longo da narrativa. Vejamos alguns casos:

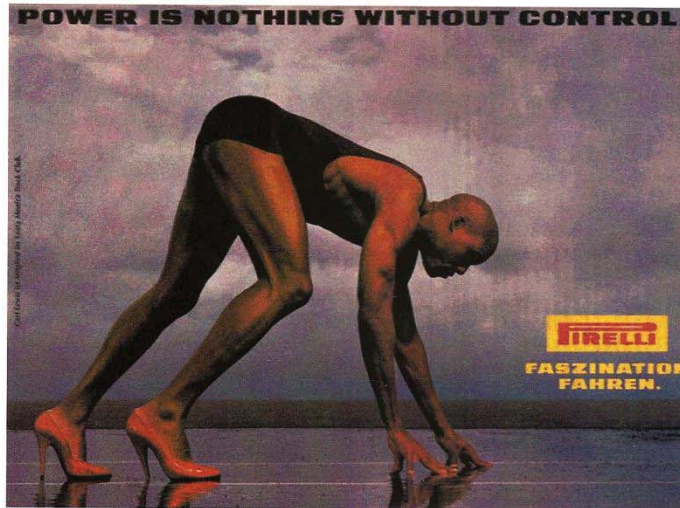
a) “A Inteligência Militar, perdoe-me o oxímoro, teve um papel relevante na derrota de nosso fraterno inimigo” (p. 54): há uma contradição entre o substantivo *inimigo* e seu atributo *fraterno*; faz-se também uma ironia, ao considerar que o adjetivo *militar* é incompatível com o substantivo *inteligência*;

b) “Repare no contraste! – gemeu Mouche. – Neste país até o futuro é arcaico.” (p. 60): há um conflito semântico entre o sujeito *futuro* e o predicado *é arcaico*;

c) “Tudo tão falso e tão ingenuamente autêntico – poderia escrever, para, uma vez mais, agradecer ao meu sogro: “falsamente verdadeiro” – que me vieram lágrimas aos olhos de pura emoção” (p. 57): o adjetivo *verdadeiro* é o oposto do advérbio *falsamente*; além disso, as qualidades expressas pelos adjetivos *falso* e *autêntico* são antitéticas. Também pode construir-se um oxímoro, postulando a existência e a inexistência ao mesmo tempo: um poema de Cabral traz o título *O nada que é*.

Construções

Essa figura serve para expressar a complexidade da realidade. Agualusa, ao descrever Benigno, diz: Benigno é, quase sempre, muito simpático. Acho-o de uma “simpatia assustadora” (p. 87). Por outro lado, quando se considera contraditória uma combinação, que une dois termos em princípio não opostos, esse pretendido oxímoro serve para determinar uma visão sobre a realidade. Ainda em Agualusa encontra-se:



Oxímoro visual em anúncio da Pirelli: os termos da oposição "masculino x feminino" exploram os estereótipos ligados a esses universos, principalmente a força e a graça

– Conheço. Ainda hoje encontrei uma dessas lamentáveis incongruências, um político honesto – olhe, ofereço-lhe o oxímoro, é para sua coleção (p. 276).

Normalmente, um oxímoro é construído com dois termos: "Evidente que há mérito do Coritiba (...). Tocou fácil a bola, envolveu o Palmeiras com *sofisticada simplicidade*, com perdão da contradição" (Antero Greco, Jogo de criança. In: *O Estado de S. Paulo*, 6/5/2011, E2). Entretanto, essa figura pode ser erigida em princípio de construção do texto, como acontece neste soneto de Camões:

*Amor é fogo que arde sem se ver,
é ferida que dói e não se sente;
é um contentamento descontente,
é dor que desatina sem doer.*

*É um não querer mais que bem querer;
é um andar solitário entre a gente;
um nunca contentar-se de contente;
é um cuidar que ganha em se perder.*

*É um querer estar preso por vontade;
é servir a quem vence, o vencedor;
é ter com quem nos mata, lealdade.*

*Mas como causar pode seu favor
nos corações humanos amizade,
se tão contrário a si é o mesmo
Amor?*

Renúncia

O poeta tenta, nos onze primeiros versos (os dos dois quartetos e os do primeiro terceto), definir o amor. Cada verso tem a estrutura de uma definição: termo a ser definido (= amor) + verbo de ligação (= é) + conteúdo definicional.

Esse conteúdo é uma metáfora, construída primeiro com substantivos concretos (fogo e ferida), depois com nomes abstratos (contentamento e dor), em seguida com infinitivos substantivados (um não querer, etc.), a seguir com verbos (servir e ter). Cada uma dessas definições encerra um oxímoro: por exemplo, amor é fogo que arde (=

visível) sem se ver (= invisível); é um não querer (= desprendimento) mais do que bem querer (= sô-frego); é um andar solitário (= isolamento) entre a gente (= acompanhado); é um nunca contentar-se (= insatisfação) de contente (= satisfação); é cuidar que ganha (= enganador) em se perder (= malogro); é um querer estar preso (= limitação) por vontade (= deliberada); é servir o vencedor (= devoção) a quem vence (= imerecida); é ter lealdade (= fidelidade) com quem nos mata (= indevida). Como uma definição não pode conter contradição, cada uma delas é abandonada. No último terceto, o poeta renuncia a definir o amor e expõe sua perplexidade numa interrogação: por que os homens buscam tanto esse sentimento se ele é algo contraditório? O poema começa com a palavra "amor" e termina com ela. É como se, ao final da experiência de buscar apreender o sentido dessa paixão, o poeta concluisse: amor é amor. São os oxímoros que permitem deixar patente a impossibilidade de precisar o sentimento amoroso: o poema mostra que o amor é da ordem do sentimento e não do domínio da compreensão.

Há também oxímoros visuais. No site Retórica e publicidade, apresenta-se a peça publicitária da Pirelli como exemplo de oxímoro (*ver imagem acima*). Nele unem-se os termos da oposição *masculino vs. feminino*, explorando os estereótipos ligados a esses universos, principalmente a *força* e a *graça*, a *sofisticação* e a *simplicidade*.

JOSÉ LUIZ FIORIN É PROFESSOR DE LINGÜÍSTICA NA USP E AUTOR, ENTRE OUTROS, DO LIVRO *INTRODUÇÃO AO PENSAMENTO DE BAKHTIN*.

ANEXO B

Latim do Cariri

Mestrado defendido na Paraíba aponta o domínio do latim como recurso para a distinção social

POR HENRIQUE BRAGA E MARCELO MÓDOLO

Para tristeza dos saudosistas, a língua latina – tida como língua morta – deixou há tempos de ser matéria obrigatória na formação dos brasileiros. Mas seu prestígio segue reconhecido, sobretudo por ser a língua oficial da Igreja Católica, e por sua presença no Direito (*Dura lex, sed lex*).

É esse mesmo idioma que o linguista Francisco de Freitas Leite analisou em cartas de pessoas do sul do Ceará, compostas entre a segunda metade do século 19 e a primeira do 20. Na dissertação de mestrado *O Latim em Cartas do Cariri Cearense* – defendida na Universidade Federal da Paraíba –, mostra-se como, a despeito do que já há tempos muitos dizem, o latim não morreu.

Latim rima com Cariri? Supomos que essa pergunta seja comum a muita gente que se depara com o título dado por

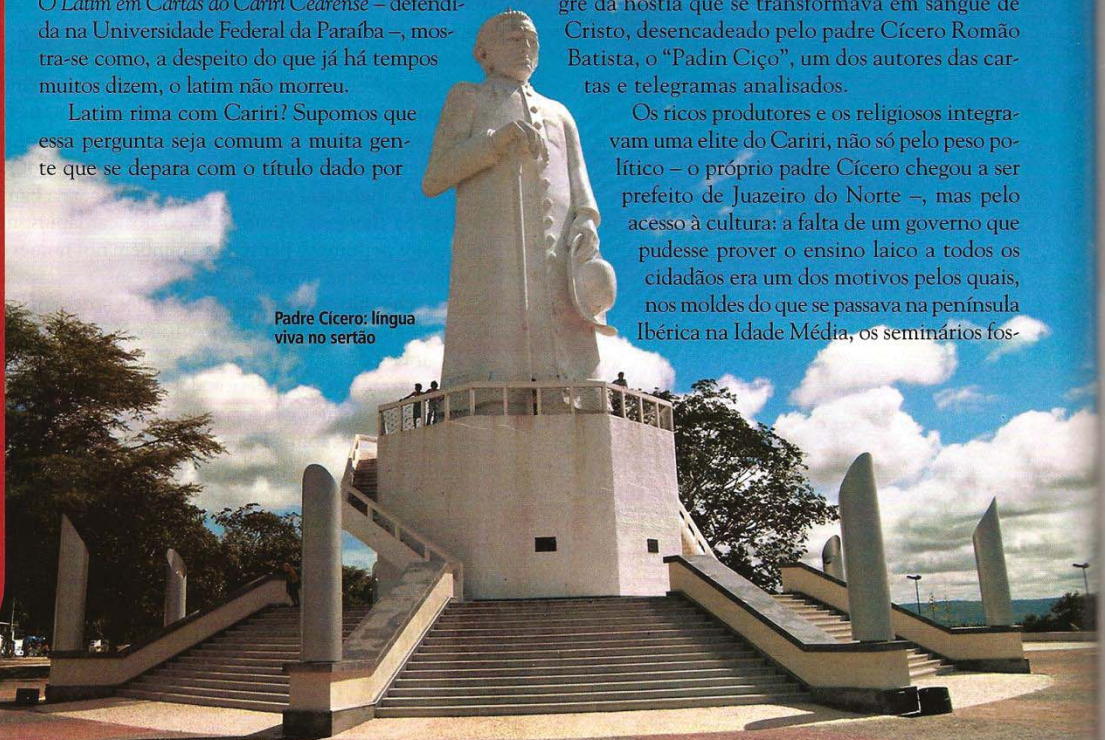
Leite a seu estudo. Parece haver um contraste entre o imaginário construído sobre a pouco acessível língua latina, privilégio de uns poucos doutos, e a sonoridade indígena – e, portanto, bastante brasileira – do nome “Cariri”. Com vistas a situar o leitor menos versado na história e geografia do Estado do Ceará – e, consequentemente, desfazer o preconceito segundo o qual o latim ali surge como algo exótico –, dedica-se na dissertação um capítulo inteiro ao contexto histórico, sociocultural e educacional caririense.

Significado social

Segundo Leite, a região, do sul do Ceará, compreende importantes cidades, como Crato e Juazeiro do Norte. Na primeira, o Movimento Libertador de Pernambuco, apoiado por ricos e influentes fazendeiros da localidade, proclamou em 1817 uma república, cuja duração, porém, não passou de oito dias. Em sua vizinha Juazeiro, teve lugar o polêmico milagre da hóstia que se transformava em sangue de Cristo, desencadeado pelo padre Cícero Romão Batista, o “Padin Ciço”, um dos autores das cartas e telegramas analisados.

Os ricos produtores e os religiosos integravam uma elite do Cariri, não só pelo peso político – o próprio padre Cícero chegou a ser prefeito de Juazeiro do Norte –, mas pelo acesso à cultura: a falta de um governo que pudesse prover o ensino laico a todos os cidadãos era um dos motivos pelos quais, nos moldes do que se passava na península Ibérica na Idade Média, os seminários fos-

Padre Cícero: língua viva no sertão



sem centros de formação, educando os futuros clérigos e os filhos da classe privilegiada. Como até hoje a língua é idioma oficial do Vaticano, não é de espantar que aulas de latim fossem obrigatórias na educação oferecida àqueles jovens.

Todo esse rico cenário sociocultural foi considerado por Leite ao se debruçar sobre um conjunto de 55 cartas, selecionadas para empreender sua pesquisa. O foco, em poucas palavras, era compreender por que em certas circunstâncias se usava o latim em vez da língua vernácula. Perguntas como “quem escrevia em latim?”, “para tratar de que tipo de tema?”, “visando a obter quais efeitos?” nortearam a análise linguística sobre os documentos.

Latim em pó

Para buscar respostas, o autor dividiu as cartas segundo certos critérios. Para que se pudessem identificar contextos de favorecimento ao latim, um dos grupos era formado por cartas sem qualquer uso do idioma. Outro critério analisado foi se o latim aparecia só na saudação inicial e/ou na despedida (por exemplo, a expressão *Et orabo ad Dominum* [“E orarei ao Senhor”]). Foram agrupadas cartas em que o latim aparecia em frases feitas, como provérbios ou expressões consagradas (numa carta se lê, à ocasião de agradecer, *verbo et opere* [“com palavra e obra”]). Fora esses casos, foram encontrados documentos escritos integralmente em língua latina.

Uma constatação – esperada – foi que as expressões latinas eram recurso explorado por uma elite, a quem foi facultado acesso ao ensino formal e, portanto, a uma das línguas de cultura da época (a outra era o francês): em 91% das cartas nas quais se recorria ao latim, o enunciador era indivíduo com alto grau de escolarização.

O latim de padre Cícero

Em um telegrama, todo em latim, enviado ao papa Leão XIII, em 2 de junho de 1896, padre Cícero coloca o papa na posição de Jesus para fazer um pedido. Por isso, a forma do texto é como a de uma prece.

*Sanctissime Pater
Per angustias tuas suscipe appellationem facti Joaseiro, succurre millibus filiorum persecutorum, mitte comissionem, humiliter petimus expensis nostris. Per Jesum benigne respondere digneris.
Presbyter Cícero Romanus*

Santíssimo Padre,
Pedimos humildemente que acolha, sob seu cuidado, a apelação da questão de Juazeiro, enviando uma comissão, às nossas custas, e assim socorrendo milhares de filhos perseguidos. Queira por gentileza responder, em nome de Jesus.
Padre Cícero Romão

Outra constatação – das mais instigantes da pesquisa – foi a de que, mais que o emissor, o destinatário era fator fundamental para que o missivista se valesse ou não de conhecimentos de latim: nesses 91% de cartas com uso de latim, também os receptores tinham elevado grau de instrução. Como observa o autor, as expressões latinas iam muito além dos significados referenciais “Jesus Cristo seja louvado” ou “orarei ao Senhor”, por exemplo. Diziam algo como “cumprimos-nos numa língua reservada a uns poucos da elite cultural e pela qual podemos também nos identificar”.

Pensando em identificar valores sociais no uso do idioma, Leite aponta que nesse conjunto de 91% de cartas, os destinatários eram,

além de eruditos, religiosos. Para o pesquisador, esse dado revela o tom cerimonioso assumido por esses usos. É como se o enunciador reconhecesse a língua latina como adequada para prestar reverência à “santidade” de seu enunciário.

Leite constatou que indivíduos com alto grau de escolarização não faziam uso do latim quando tratavam com enunciários menos escolarizados. Na hipótese aventada por Leite, um dos fatores responsáveis pelo fenômeno era o receio do enunciador de soar pedante frente a seu receptor. Nessas circunstâncias, demonstrar o precioso conhecimento daquele idioma não cumpriria o melhor efeito possível. Eram ocasiões em que o bom-senso recomendava que o emissor “não gastasse o seu latim”, de onde, na hipótese de Leite, adveio essa expressão popular.

Confira

Para os sociolinguistas e latinistas de plantão, em formato de livro digital:
LEITE, Francisco de Freitas. *O Latim em Cartas do Cariri Cearense (Final do Século XIX e Início do Século XX)*. João Pessoa, Ideia, 2009, 159 pp. ISBN 85-7539-495-3.

Vale a pena conferi-lo, apesar de algumas traduções – feitas pelo autor – às vezes não muito felizes.

HENRIQUE BRAGA É DOUTORANDO NA ÁREA DE FILOLOGIA E LÍNGUA PORTUGUESA DA USP, PROFESSOR E AUTOR DE MATERIAIS DIDÁTICOS DO CURSO ANGLU VESTIBULARES; **MARCELO MÓDOLO** É PROFESSOR DOUTOR E PESQUISADOR NA ÁREA DE FILOLOGIA E LÍNGUA PORTUGUESA DA USP
ACADEMIA.REVISTALINGUA@GMAIL.COM

ANEXO C

O doce enigma do brigadeiro

Caso de um dos doces mais famosos do país mostra a dificuldade da certeza sobre a origem de um sentido, mesmo recente, dado a uma palavra

POR MÁRIO EDUARDO VIARO

Recentemente, fui procurado por uma jornalista com uma dúvida etimológica. Não foi o caso, mas comumente, nessa situação, é difícil convencer as pessoas de que o trabalho etimológico sério demanda pesquisa, investimento, método e, portanto, tempo, não raro equipes de investigadores financiados.

Muitas pesquisas podem não gerar um resultado imediato ou conclusivo e isso pode ser algo frustrante. Espera-se com frequência que o etimólogo tire a solução da sua cartola erudita, de preferência, o mais rapidamente possível, e que essa solução, ademais, seja surpreendente, senão cômica. A questão da jornalista era sobre o doce chamado “brigadeiro”. Por que tem esse nome?

A palavra “brigadeiro”, com o sentido básico de “oficial comandante de uma brigada”, ao que tudo indica tem datação abonada no *Houaiss* para início do século 18. A palavra “brigada”, da qual se deriva, é de meados do século 17. E, de fato, ambas são mais antigas na língua de que se extraem

os étimos das palavras portuguesas: o francês aponta para 1640 a primeira ocorrência de *brigadier* e para cerca de 1360 a palavra *brigade*. O italiano também tomou por empréstimo do francês a palavra *brigadiere* (abonada em 1674), embora *brigata* seja o étimo da francesa *brigade* e aparece, no italiano, com o sentido de “grupo de amigos” já no século 13 (com o sentido bélico, apenas no século seguinte).

Hipóteses

A denominação do doce brigadeiro é foneticamente idêntica ao termo militar. Podemos trabalhar com duas conjecturas:

1) trata-se de palavra com étimo independente e, portanto, homônima;

2) trata-se de uma acepção distinta da mesma palavra, isto é, teria a mesma origem. Nesse último caso, seria reflexo da polissemia natural das palavras, as quais, quase sempre, costumam ter mais de um sentido.

As duas hipóteses são igualmente válidas e uma delas só pode ser descartada mediante investigação. Normalmente, os dicionários dispõem palavras homônimas em verbetes distintos, mas preferem engordar o mesmo verbete polissêmico com acepções.

O sentido “certo doce feito com leite condensado e chocolate, ge-



ralmente sob a forma de bolinhas cobertas de chocolate granulado” aparece no *Houaiss* como acepção, portanto, polissemia do mesmo verbete e não como verbete homônimo independente. Mas quem decide isso, de fato, para os lexicógrafos são os etimólogos.

O mesmo dicionário aponta para “depois de 1950” o surgimento dessa acepção, tida como brasileirismo. De fato, consultando a Wikipedia, veremos que o nome “brigadeiro” percorreu o mundo como empréstimo proveniente do português brasileiro: a palavra aparece em francês, espanhol, inglês, hebraico, holandês e sueco.

Negrinho

No site afirma-se que, no Rio Grande do Sul, o mesmo doce se chama “negrinho”, o que, de fato, confirmei com colegas gaúchos. Mas um linguista, perante esse dado, pensaria: isso acontece somente nesse estado brasileiro? A denominação não estaria presente nas adjacentes cidades fronteiriças de Santa Catarina, Uruguai e Argentina?

Colonos gaúchos já não o teriam espalhado, dispersos como estão no Brasil, pelas regiões do Centro-Oeste, por exemplo, Tocantins? Tudo isso é incerto, pois não há investigações e a informação, quando existe, é de difícil localização.

A incerteza é ainda maior com re-

**Brasileirismo
foi exportado
para o francês,
o inglês,
o espanhol, o
hebraico,
o holandês e
o sueco**

lação ao tempo e à antiguidade dos termos. Desde quando existe o doce? Se imaginarmos que a data do *Houaiss* para o termo “brigadeiro” está certa, podemos concluir que, antes de 1950, ao se fazerem brigadeiros, eram chamados por outro nome. Mas como? Seriam “negrinhos”? Em suma, “negrinho” é um arcaísmo conservado apenas no Rio Grande do Sul, substituído alhures pelo termo mais recente “brigadeiro” ou é uma inovação, que surgiu posteriormente?

Eduardo Gomes

O leite condensado, ingrediente importante, aparece já no século 19, o que torna o brigadeiro algo possível de ser feito no Brasil, sobretudo na década de 20, do século passado. Isso se supusermos que a receita do doce não tenha sido alterada ou adaptada. Em suma, o leite condensado teria sido sempre um ingrediente básico para se fazer o doce futuramente chamado de “brigadeiro”? Ques-

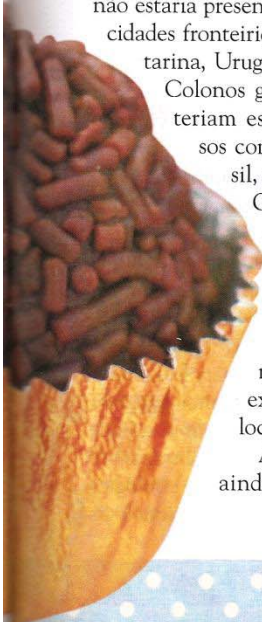
tões que envolvam referência são difíceis de se responder.

O termo “negrinho” é uma metonímia óbvia, mas o mesmo não se pode dizer de “brigadeiro”, a menos que a palavra seja um homônimo e, de fato, homônimos por vezes criados pela atuação da etimologia popular deformadora associam palavras novas analogicamente a outras prévias, como já exemplificamos em outros artigos, mas seria quase impossível detectarmos que palavra seria a original.

Polissemia

Apostemos, portanto, por falta de evidências numa homonímia, na solução mais óbvia, a da polissemia. Uma história em particular explica a denominação, circula há décadas e foi veiculada juntamente com a propaganda de marcas de leite condensado, as quais possivelmente também foram as responsáveis pela ampla divulgação nacional e internacional do doce e de sua denominação.

Diz-se que o doce é uma homenagem ao patrono das Forças Aéreas Brasileiras, o brigadeiro Eduardo Gomes (1896-1981), que se candidatara em 1946 e em 1950 à presidência da República pelo partido da União Democrática Nacional e teria distribuído doces em sua campanha. O próprio doce (ou seria apenas sua denominação?) teria irradiado da cidade de São Paulo já em 1946 (outros apontam o Rio de Janeiro; outros, algum lugar indefinido de Minas Gerais). Não é claro se o doce já existia antes (se sim, como se chamava: “bolinhas de chocolate”,



Etimologia

“negrinho”?) ou se, de fato, foi inventado naquela ocasião, com o nome atual e tudo.

São estranhas as conexões entre o candidato e o nome do doce. Obviamente, o que nos ocorre é que seja uma espécie de redução de “doce da campanha do brigadeiro”. Outros já acham que os doces se associaram ao brigadeiro porque eram seus prediletos. Mas há explicações bem bizarras que circulam pela boataria pseudoetimológica da internet.

História

Algumas delas associam o fato de ele ter sido um homem “alto, bonito, de olhos azuis e solteiro” com atributos do doce (“delícia”, “gostoso” ou mesmo o verbo “comer”), e, daí, o étimo seria atingível por divagações de cunho pseudofreudiano; outras lembram que os doces têm formato esférico, como testículos; outras, ainda, por antítese, lembram que a receita do doce não leva ovos.

Focam, como base desses dois pseudoétimos, uma história, algo lendária, que afirma ter sido o mesmo brigadeiro ferido nos testículos em 1922, durante a revolta dos 18 do Forte de Copacabana. Se é verdade o incidente, tudo indica que essas explicações sejam *a posteriori* e, portanto, inúteis à Etimologia. Foi na década de 80 que essas histórias começaram a pipocar, como provam textos como *Doces brasileiros: as maravilhas do Leite Moça*, de 1989 (agradeço a informação a Edu Santos).

Então, chegamos ao seguinte quadro: o doce virtualmente poderia existir antes das campanhas do brigadeiro Gomes, pois já existia o leite condensado. Se existia, tinha outro nome. Mas uma outra data pode ser determinada para sabermos se o étimo é verdadeiro ou não. Se o brigadeiro a que se refere o étimo do doce é de fato Eduardo Gomes, o étimo que vincula o termo “brigadeiro” a essa figura histórica brasileira estará *definitivamente errado* se encontrarmos a palavra *antes* de 1941. A razão disso é óbvia: Eduardo Gomes *não era brigadeiro* antes dessa data.

Diz Popper que uma teoria só pode ser considerada científica se for refutável. Essa é uma forma bem clara de mostrar como um étimo vinculado a uma pessoa tão específica pode estar certo ou errado: se encontrarmos o termo “brigadeiro” antes de 1941, todas as histórias que o vinculam a Eduardo Gomes são *falsas* e deveriam ser abandonadas para sempre. Não é o que acontece no mundo da pseudoetimologia, que se fortalece com o apelo das historietas e não com a razão e com a comprovação.

Leite condensado

Mas se não encontrarmos, isso não torna automaticamente nenhuma das histórias necessariamente verdadeira, por mais divulgada que seja por meios de difusão importantes, como latas de leite condensado, livros de receita e páginas da internet. A hipótese tem alguma força, mas não é nem certa nem errada.

Centenas de milhares de palavras da língua portuguesa (e outras milhares de acepções) estão nesse mesmo estágio. Quando a Etimologia dialogará novamente com a His-

tória? Muitos historiadores acham “curiosidades” em seus textos pesquisados, as quais são verdadeiras preciosidades para eliminarmos hipóteses etimológicas absurdas. Mas falta diálogo entre a moribunda Etimologia científica e a História. Grassa o achismo, os palpites imperam. E tudo que *non è vero, ma bene trovato* é considerado etimologia válida.

Não é. Só se for para conversas informais. É tão válido quanto as curas alternativas para a Medicina oficial. Nesse contexto, a situação dos testemunhos é precária.

Outro brigadeiro

Uma pessoa que vivenciou a fabricação dos famosos docinhos da campanha do brigadeiro em 1950, por exemplo, se fosse adolescente na época, hoje estará com uns oitenta anos. Poderia confirmar isso (ou, antes de falecer, poderia ter contado aos filhos que confirmariam apoiados na inquestionável *auctoritas* dos pais), mas, por mais lúcida que seja tal pessoa, a memória humana prega peças, não só na transmissão oral, mas na recordação dos próprios fatos, sobretudo se forem assuntos não diretamente vinculados à sua vida.

Lembro-me de uma tia-avó que tinha memória fenomenal e sabia todos os aniversários dos parentes, mas que afirmava com certeza que o presidente americano assassinado tinha sido Nixon (e não Kennedy). O oral não substitui o documento escrito. Algo que vem depois, sobretudo uma explicação etimológica fantasiosa, costuma imiscuir-se no que veio antes e tudo junto se transmite oralmente. A necessidade etiológica humana é imensa. E entre a etiologia





Cartaz da campanha do brigadeiro Eduardo Gomes à Presidência da República em 1946

e a etimologia há muito mais que a simples falta de uma letra.

Mais estranho ainda é que a palavra não apareça em livros de receitas antes da década de 70 com facilidade. O Google Books, tão útil para desmascarar etimologias duvidosas, deu-me, com certeza, após longa pesquisa, a recente data de 1994 para a primeira abonação de “brigadeiro” como doce. O dicionário mais anti-

go em que encontrei a acepção foi a edição de 1971 do *Novo Dicionário Brasileiro Ilustrado* (São Paulo: Melhoramentos). Desconheço se, em edições mais antigas do mesmo dicionário, o termo apareça.

Isso nos faz pensar: seria outro brigadeiro o responsável pelo nome do doce, talvez do período militar entre 1964 e 1985? Ou seria de fato o brigadeiro Eduardo Gomes o mo-

tivador da denominação e algo das histórias veiculadas está correta, mas a comprovação é impossível porque a palavra só se transmitiu oralmente por vinte anos, até ser registrada pela primeira vez?

Livros de receita

Contra a hipótese de o termo ter surgido durante o regime militar do Brasil, Mathildes Miranda Nunes informa por telefone que o livro *Sei Cozinhar* (Belo Horizonte: Itatiaia, 1961) já traz receitas de brigadeiro. A pesquisadora Mariana Botta, da Unesp, informa que havia nas décadas de 40 e 50 uma página chamada “Cozinha doméstica” na revista *A Cigarra*. Estará lá a resposta? Aparentemente, o popular livro *Dona Benta: comer bem* não traz brigadeiros até década de 70.

A existência de muitos livros antigos com a receita do doce, mas sem datação, dificulta a pesquisa do étimo. Aparentemente, há receitas de brigadeiro num livro de 1956 (Jorge Fuede Japur. *Quitutes de Dona Júlia: salgados, doces e sorvetes*. São Paulo: Gráf. Ed. Prelúdio). Mas a pesquisa continua... Quem dá menos?

Só podemos nos aproximar das verdades, mas é fácil desmascaramos mentiras, quando nos valemos de método e de senso crítico. Convoco a todos a revirem os livros de receitas de suas avós em casa e participarem dessa pesquisa. É divertido e importante para não sermos manipulados.

MÁRIO EDUARDO VIARO É PROFESSOR DE LÍNGUA PORTUGUESA NA USP, AUTOR DE *POR TRÁS DAS PALAVRAS: MANUAL DE ETIMOLOGIA DO PORTUGUÊS* (GLOBO: 2004) E DE *ETIMOLOGIA* (CONTEXTO: 2011)

ANEXO D

Ensino

Palavras congeladas

Um olhar histórico mostra que muitos juízos sobre termos e expressões da atualidade desprezam o passado da língua

POR SIRIO POSSENTI

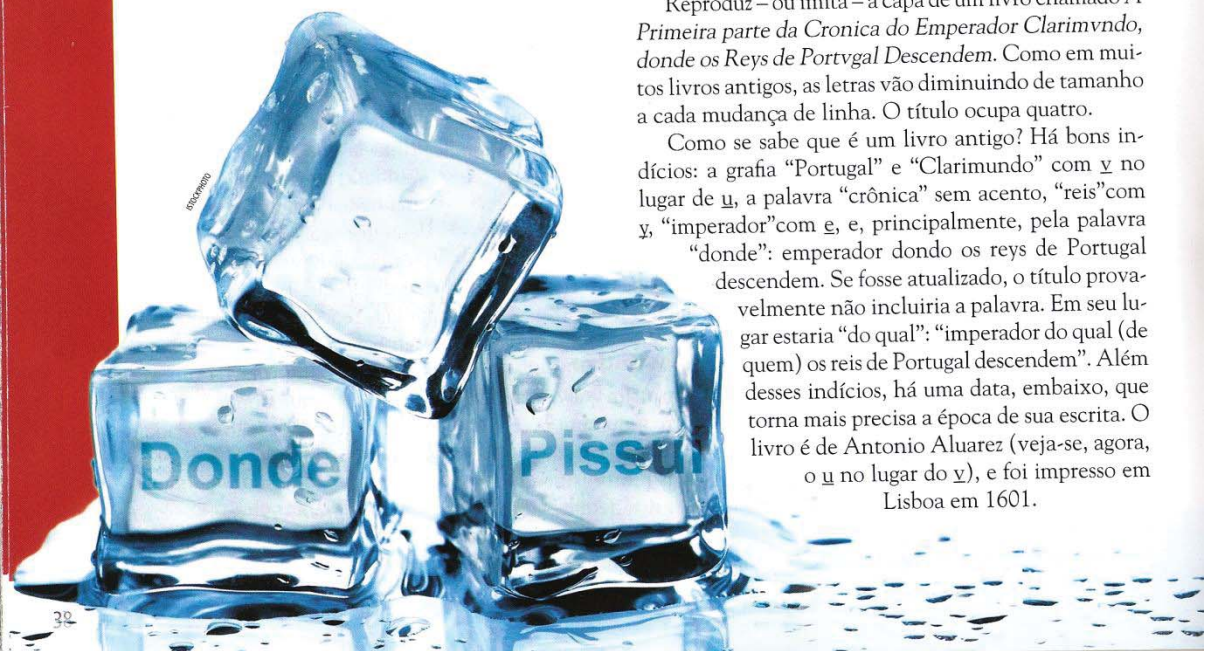
Contarei aqui duas pequenas experiências linguísticas. O objetivo é sugerir aos leitores que observem dados curiosos e tentem tratá-los adequadamente. As fontes dos dados podem ser as mais diversas. Muitas vezes, são os nossos alunos.

Num congresso de linguística, conheci uma pessoa que me “perseguiu” com perguntas, achando que poderia ajudá-la em seu mestrado, que analisava manuscritos mais ou menos antigos. Fazia o que se chama crítica genética. Mais tarde, soube que estava em Portugal. Soube por um cartão. Li as informações sobre o andamento do trabalho da remetente. Depois, fui ver de que cartão se tratava, afinal. Não era um desses cartões que mostram lugares que turistas devem visitar, ou nem precisavam mais, porque os conhecem dos postais. Tratava-se de um cartão “profissional”, como logo se verá.

Donde

Reproduz – ou imita – a capa de um livro chamado *A Primeira parte da Cronica do Emperador Clarimvndo, donde os Reys de Portvgal Descendem*. Como em muitos livros antigos, as letras vão diminuindo de tamanho a cada mudança de linha. O título ocupa quatro.

Como se sabe que é um livro antigo? Há bons indícios: a grafia “Portugal” e “Clarimvndo” com v no lugar de u, a palavra “crônica” sem acento, “reis” com y, “imperador” com e, e, principalmente, pela palavra “donde”: emperador dondo os reys de Portugal descendem. Se fosse atualizado, o título provavelmente não incluiria a palavra. Em seu lugar estaria “do qual”: “imperador do qual (de quem) os reis de Portugal descendem”. Além desses indícios, há uma data, embaixo, que torna mais precisa a época de sua escrita. O livro é de Antonio Alvarez (veja-se, agora, o u no lugar do v), e foi impresso em Lisboa em 1601.



Certamente, o leitor já ouviu pessoas, na rua ou entrevistadas em rádio e TV, dizendo coisas como “Fui falar com o chefe, onde me disse que...”, em vez de “que me disse que...”. Nas gramáticas e dicionários, “onde” é classificado primeiro como advérbio; depois, como pronome, mas só quando significa “em que”, como em “Terra onde nasci”, isto é, “Terra em que nasci”. Nenhuma gramática, acho, registra “onde” como pronome que retoma um nome, como “prefeito” ou “Clarimundo”.

O que se pode ver nessas conversas, comentadas por conterem exemplo de erro que seria recente, resultado de descuido ou incompetência do falante, é que “onde” funciona como espécie de coringa.

Miopia

Tende-se a dizer que se trata de variante linguística que vêm de baixo, do povo que fala “errado”. Mas o título, que é de 1601, indica que se trata de caso antigo – e não necessariamente popular! Pode estar ocorrendo com a palavra coisa semelhante a que ocorreu com “pissuir”, que é minha segunda história.

No final de uma conferência em Campo Grande, há anos, um dos ouvintes forneceu um dado do português local. Tratava-se da fala de um tropeiro, que, perguntado por que se queixava de pobreza, se tinha uma dúzia de mulas, respondeu: “Pois é, a gente não pode pissuí, mas a gente pissói”.

Desconhecendo muitos temas relevantes da nossa língua, entre os quais características do português do interior do Brasil, fiquei sem explicação sobre a origem da forma “pissuí”. Comecei a formular e a eliminar hipóteses. Decorreria de “possuir”, talvez por harmonia vocálica

da vogal u com a anterior i, ambas altas? Talvez. Mas, e “pissói”? Nesse caso, a harmonia vocálica não funciona. Em seguida, me dei conta de outros verbos terminados em “uir” que têm a forma “-ói”, imaginei que talvez se tratasse de um caso de analogia. Se “construir > constrói”, “destruir > destrói”, por que não “po(i)ssuir > pissói”? Depois lembrei que “diluir” > *dilói” não funciona, nem “afluir > *aflói”, etc.

Harmonia

Um dia, numa livraria, enquanto somavam minha compra, resolvi espiar um dicionário etimológico. Pois estava lá: a forma do verbo “possuir” no século 13 era “pessuir”. Ou seja: não se tratava de invenção do tropeiro ou do grupo social a que pertencia. Se a forma escrita tinha sido “pessuir”, tornava-se mais fácil explicar “pissuir”: as vogais átonas médias (e, o) do português são alçadas há muito tempo (a flutuação é observada desde o século 15). Pode-se tratar de um caso de harmonia vocálica (este fator pode reforçar aquele), como em “mininu”, em que e o primeiro e se torna i para concordar em altura com o i tônico.

Com essa descoberta na cabeça, lembrei-me de um livro ao qual não sei por que não recorriera antes: *O Dialeto Caipira*, de Amadeu Amaral. Fui direto ao léxico. Pois estava lá a informação do dicionário, com nuances, como a alusão ao galego.

“PISSUÍ, possuir – v. t. – adquirir, comprar: “... senão quando u^{na} galinha já esporuda que eu pissuí no levantá aquele rancho...” (V.S.). Quanto à forma, veio ela, muito provavelmente, do Port., haja vista ao galego “pessuir” (L. de Vasc., “Textos”). Quanto ao sentido, esse

acreditamos que resultou de evolução feita aqui. Para exprimir a ideia do nosso “possuir”, usa o caipira de “ter” ou de algum circunlóquio. Ao Nordeste, a aceitar-se como documento um verso de Cat., o verbo conserva o sentido castiço: “Era rico, apois pissuí / uma fortuna de gado” (“Quinca Micuá”).

Eis uma explicação para o i da primeira sílaba do verbo “possuir” na boa frase do tropeiro – “a gente não pode pissuí, mas a gente pissói”.

Deturpações

Amadeu Amaral documenta fatos com os quais “pissuir” tem relação. Várias formas do dialeto caipira, longe de serem “corrupções” atuais da língua culta, são formas da antiga língua culta, conservadas no dialeto. Foi a língua urbana que mudou, e formas que eram corretas nos séculos 15 e 16 – que a escrita as documenta – são hoje associadas aos caipiras, pois só eles *ainda* as usam. Muitos supõem que são deturpações de formas corretas atuais, mas são as boas e velhas formas mantidas como tais.

O que ocorreu é que perderam prestígio. O leitor estranhará, mas entre formas caipiras que são do século 16 estão *acupá*, *agardecê*, *de-reito*, *escuitá*, *fruta*, *inxúito*. E outras do mesmo calibre, como “alevantar”, que está em *Os Lusíadas* (“Cesse tudo o que a Musa antiga canta, / Que outro valor mais alto se *alevanta*”).

Um olhar histórico mostra que muitos juízos relativos a línguas e falantes podem ser apenas falsos.

SÍRIO POSSENTI É PROFESSOR ASSOCIADO DO DEPARTAMENTO DE LINGÜÍSTICA DA UNICAMP E AUTOR DE *HUMOR, LÍNGUA E DISCURSO* (CONTEXTO)